

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS

# O MINEIRO MOÇAMBICANO

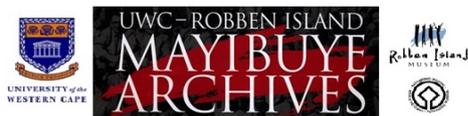
Um estudo sobre a exportação de mão de obra

Capítulo III: A base camponesa: A provincial de Inhambane.

1977

Published in 2012 by the Ruth First Papers Project

[www.ruthfirstpapers.org.uk](http://www.ruthfirstpapers.org.uk)



### DISTRIBUIÇÃO DO RECRUTAMENTO POR PROVÍNCIAS E DISTRITOS

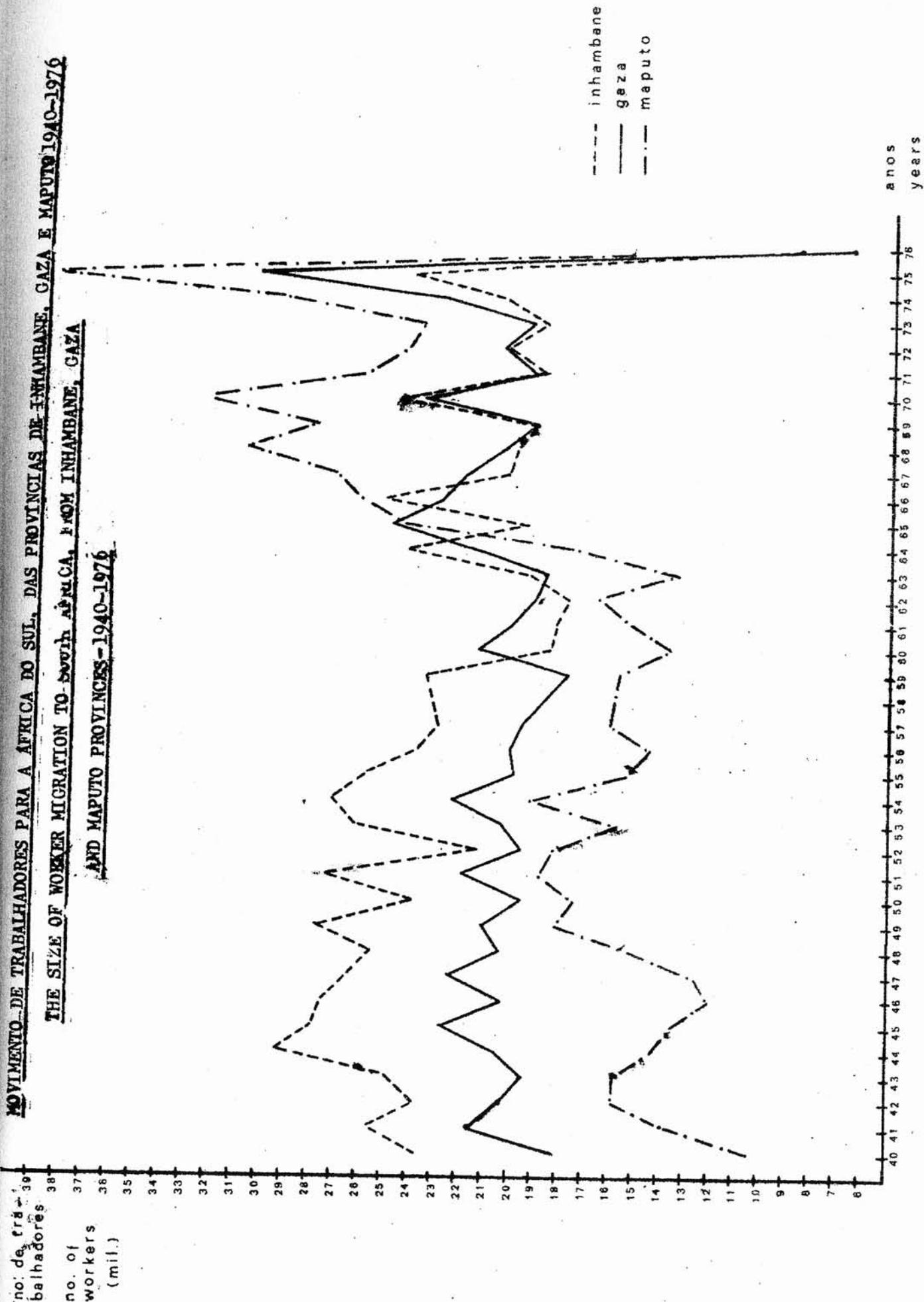
A nossa investigação sobre a extensão e características da mão de obra mineira envolveu um exame do seu fluxo durante um certo período de tempo, de modo a estabelecer: (1) a grandeza, e (2) as origens regionais/distrital/e de localidade desta mão de obra. O total da mão de obra saída de Moçambique, durante o período 1902-1976, pode ser visto no nosso gráfico e foi já discutido no capítulo I.

As origens por província e por distrito desta mão de obra podem ser traçadas a partir dos números de recrutamento da Wenela, apresentados nos 'Progressive Comparative Statement of Output' mensais (um exemplar foi incluído como apêndice para ilustrar o método de registo dos resultados do recrutamento de trabalhadores). Os nossos Gráficos mostram as estatísticas de recrutamento das três províncias exportadoras de mão de obra, Inhambane, Gaza e Maputo. Os quantitativos de recrutamento nas três províncias não têm sido uniformes: a província de Inhambane declinou em importância relativa durante os anos '60, enquanto nos anos '40 e '50 era a principal fonte fornecedora de mão de obra; a província de Gaza tem sido a fonte mais constante das três, com um visível aumento durante os anos '60 e '70; a província de Maputo, por outro lado, aumentou de importância no período mais recente. Não nos foi possível analisar os processos que originaram estas variações, o que envolveria uma investigação da história económica de cada província, das modificações na distribuição e utilização da terra, das diferentes formas de impacto do colonialismo ao longo do tempo, e de outros problemas, o que só poderia ser feito no contexto de um projecto mais amplo. Para dar um exemplo, em relação a questão do fornecimento de mão de obra para as minas, a partir da província de Gaza, seria provavelmente necessário investigar o processo de colonização do Vale do Limpopo, o qual deve ter tido um impacto notável na distribuição da terras.

#### Província de Inhambane

Quanto à província de Inhambane, a tendência geral parece indicar que a mão de obra mineira declinou relativamente no período a partir do começo dos anos '60. Assim, por exemplo, no período de 1940-1949 a percentagem de trabalhadores migrantes recrutados em relação à população activa masculina era de 28%, o que implica que a percentagem de trabalhadores migrantes (ausentes) em relação à população activa masculina era ainda maior, porque os períodos de contrato excediam os 12 meses. Na verdade, se consideramos uma duração média do contrato igual a 16 meses, a percentagem de homens ausentes seria aproximadamente de 37%, ou seja mais de um terço da população masculina activa. Para o período de 1950-1959, a percentagem de recrutados em relação à população acti-

**MOVIMENTO DE TRABALHADORES PARA A ÁFRICA DO SUL, DAS PROVÍNCIAS DE INHAMBANE, CAZA E MAPUTO 1940-1976**  
**THE SIZE OF WORKER MIGRATION TO SOUTH AFRICA, FROM INHAMBANE, CAZA**  
**AND MAPUTO PROVINCES - 1940-1976**



anos  
years

PERCENTAGEM DE SAÍDA DE TRABALHADORES PARA A ÁFRICA DO SUL  
DA PROVÍNCIA DE INHAMBANE - 1940-1976

PERCENTAGE OF MIGRATION TO SOUTH AFRICA FROM INHAMBANE  
PROVINCE - 1940-1976

Anos/ Year	Pop. activa masc. Masc. active pop. (20-60)	Movimento migratório Size of migration	% de migrantes % of migrants
1940	89.944	23.597	26
1941	90.975	25.522	28
1942	92.006	23.776	26
1943	93.037	24.874	27
1944	94.068	29.272	31
1945	95.099	27.824	29
1946	96.130	27.405	28
1947	97.161	26.447	27
1948	98.162	25.582	26
1949	99.223	27.789	28
1950	100.258	23.876	24
1951	102.320	27.449	27
1952	104.382	21.260	20
1953	106.444	26.144	25
1954	108.506	27.115	25
1955	110.568	25.814	23
1956	112.630	23.716	21
1957	114.692	22.899	20
1958	116.754	—	—
1959	118.816	23.308	20
1960	120.877	18.499	15
1961	124.084	18.269	15
1962	127.291	17.754	14
1963	130.498	19.274	15
1964	133.705	24.108	18
1965	136.912	19.444	14
1966	140.119	25.054	18
1967	143.326	20.144	14
1968	146.534	19.950	14
1969	149.741	19.021	13
1970	152.950	24.664	16
1971	157.860	19.045	12
1972	162.770	20.309	12
1973	167.680	18.722	11
1974	172.590	20.420	12
1975	177.500	24.003	14
1976	182.410	8.733	5

PERCENTAGEM DE SAÍDA DE TRABALHADORES PARA A ÁFRICA DO SUL  
DA PROVÍNCIA DE GAZA - 1940 - 1976

PERCENTAGE OF MIGRATION TO SOUTH AFRICA FROM GAZA PROVINCE  
- 1940-1976

Anos/ Years	Pop. activa masc. Masc. active pop. (20-60)	Movimento migratório Size of Migration	% de migrantes % of migrants
1940	95.498	18.192	19
1941	96.447	21.579	22
1942	97.396	20.271	21
1943	98.345	19.495	20
1944	99.294	20.617	21
1945	100.243	22.703	23
1946	101.192	20.337	20
1947	102.141	22.402	22
1948	103.090	20.215	20
1949	104.039	21.090	20
1950	104.988	19.631	19
1951	106.886	21.924	21
1952	108.785	19.674	18
1953	110.683	20.304	18
1954	112.582	22.391	20
1955	114.480	19.976	17
1956	116.379	20.086	17
1958	120.176	—	—
1959	122.073	17.732	15
1960	123.977	21.209	17
1961	125.855	20.010	16
1962	127.733	19.004	15
1963	129.611	18.733	14
1964	131.489	21.700	17
1965	133.367	24.807	19
1966	135.245	22.914	17
1967	137.123	21.958	16
1968	139.001	20.431	15
1969	140.879	19.248	14
1970	142.760	23.643	17
1971	145.607	18.727	13
1972	148.454	20.239	14
1973	151.301	19.204	13
1974	154.148	22.841	15
1975	156.995	30.198	19
1976	150.842	6.681	4

PERCENTAGEM DE SAÍDA DE TRABALHADORES PARA A ÁFRICA DO SUL  
DA PROVÍNCIA DO MAPUTO 1940-1976

PERCENTAGE OF MIGRATION TO SOUTH AFRICA FROM MAPUTO PROVINCE  
- 1940-1976

Anos/ Years	Pop. activa masc. Masc. active pop. (20-60)	Movimento migratório Size of Migration	% de migrantes % of migrants
1940	62.077	10.401	17
1941	63.300	13.764	22
1942	64.523	15.815	24
1943	65.746	15.775	24
1944	66.969	14.228	21
1945	68.192	13.464	20
1946	69.415	12.037	17
1947	70.638	12.657	17
1948	71.861	15.195	21
1949	73.084	18.117	25
1950	74.307	17.415	23
1951	76.753	18.786	24
1952	79.199	18.308	23
1953	81.645	15.789	19
1954	84.091	19.208	23
1955	86.537	15.424	18
1956	88.983	14.561	16
1957	91.429	16.025	18
1958	93.875	--	--
1959	96.321	15.788	16
1960	98.763	13.668	14
1961	102.414	15.206	15
1962	106.061	16.548	16
1963	109.708	13.396	12
1964	113.355	17.369	15
1965	117.002	24.376	21
1966	120.649	26.135	22
1967	124.296	27.037	22
1968	127.943	30.529	24
1969	131.590	27.828	21
1970	135.231	32.537	24
1971	140.087	25.964	19
1972	144.937	24.222	18
1973	149.787	23.618	16
1974	154.637	29.039	19
1975	159.487	38.014	24
1976	164.337	15.485	9

va masculina era de 23%, o que implica uma percentagem média de migrantes em relação à população activa masculina de 31%, ou seja, pouco menos de um terço desta. Para o período 1960-1975, a razão entre recrutados e homens em idade de trabalho desceu para uma média de 14%, o que implica uma percentagem média da migrantes em relação à população activa masculina de 19%, ou seja, quase um quinto da população masculina activa (para o período 1960-1969 as razões foram respectivamente de 15% e 20%; e para o período 1970-1975, foram de 13% e 17% respectivamente).

Durante o nosso trabalho de campo foram fornecidas certas indicações, nas entrevistas e discussões de grupo, que podem ajudar a explicar o razão porque o trabalho migratório diminuiu durante a década de '60. Foi dito que a cultura obrigatória do algodão, assim como o Chibalo fizeram com que os homens fugissem para as minas. A abolição do trabalho forçado e da cultura obrigatória no princípio da década de '60, com o onício das lutas de libertação e o aumento da crítica internacional contra o colonialismo português, eliminou a pressão o que não quer dizer que o recrutamento para as minas se tivesse tornado pouco significativo, as estatísticas mostram que um em cada cinco homens continuou a estar fora, a trabalhar nas minas.

Um dos nossos gráficos, e respectiosos quadros anexos, mostra a importância do trabalho migratório para os distritos de Massinga, Morrumbene e Zavala. Por ter sido impossível obter dados populacionais de confiança para Homoine, não elaborámos o quadro respectivo. A percentagem de recrutados em relação à população activa masculina foi de 15% para Massinga; 17% para Morrumbene e Zavala, embora existam grandes variações dentro de cada distrito.

Foi feita uma tentativa para verificar se o recrutamento em Inhambane revelava variações sasonais. Seleccionámos uma amostra de três anos distintos, 1966, 1971 e 1973 (dos quais, 1966 foi um ano de grande recrutamento, e 1971 e 1973 anos de pouco recrutamento) e examinámos a distribuição do recrutamento durante os vários meses desses anos. O quadro seguinte mostra os resultados:

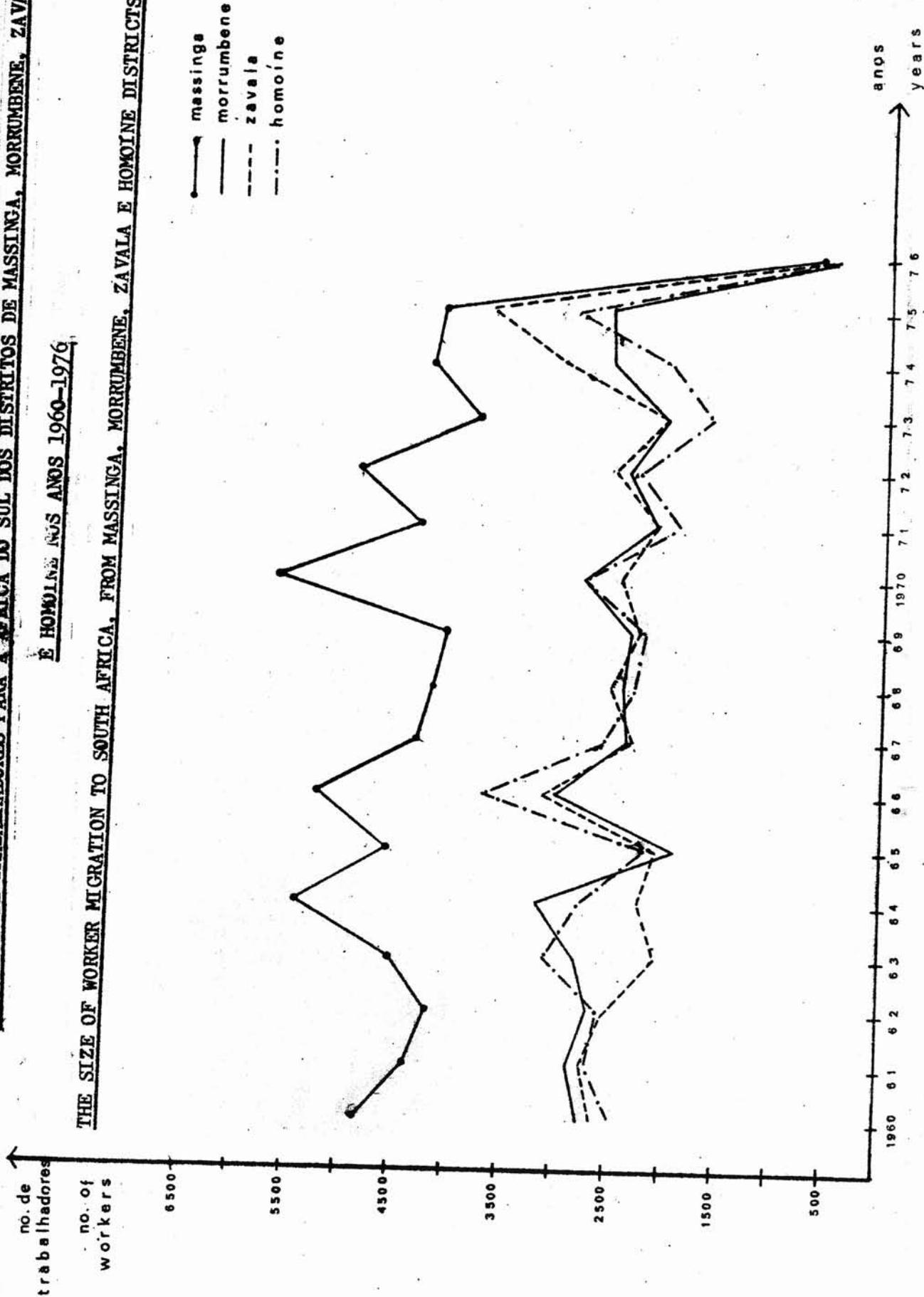
<u>Mês</u>	<u>% de recrutamento total</u>	
Janeiro	8,8	
Fevereiro	11,3	
Março	9,0	
Abril	8,8	
Maió	9,1	
Junho	7,7	
Julho	8,3	Média = 8,33%
Agosto	8,8	
Setembro	8,3	
Outubro	8,4	
Novembro	6,5	
Dezembro	4,6	

O quadro mostra, portanto, que as variações sasonais não são muito evidentes, excepto uma queda no fim do ano, em Novembro e Dezembro, meses da época da sementeira.

**MOVIMENTO DE TRABALHADORES PARA A ÁFRICA DO SUL DOS DISTRITOS DE MASSINGA, MORRUMBENE, ZAVALA**

**E HOMÓIINE NOS ANOS 1960-1976**

**THE SIZE OF WORKER MIGRATION TO SOUTH AFRICA, FROM MASSINGA, MORRUMBENE, ZAVALA E HOMÓIINE DISTRICTS - 1960-1976**



PERCENTAGE OF MIGRATION OF WORKERS TO S.A  
FROM MASSINGA DISTRICT 1960 -1976

PERCENTAGEM DE SAÍDA DE TRABALHADORES PARA A ÁFRICA DO SUL  
NO DISTRITO DE MASSINGA 1960-1976

ANOS/YEARS	POP.ACTIVA MASC. ACTIVE MASC.POP. (20-60)	MOVIMENTO MIGRATÓRIO SIZE OF MIGRATION	% DE MIGRANTES % OF MIGRANTS
1960	23 602	4846	20
1961	21 473	4390	18
1962	25 344	4170	16
1963	26 215	4516	17
1964	27 086	5431	20
1965	27 957	4595	16
1966	28 828	5225	18
1967	29 699	4320	14
1968	30 570	4184	14
1969	31 441	4057	13
1970	32 311	5656	17
1971	33 618	4308	13
1972	34 925	4878	14
1973	36 232	3795	10
1974	37 539	4226	11
1975	38 846	4178	11
1976	40 153	607	2

NOTA: Os números considerados referem-se unicamente aos trabalhadores recrutados pela W.N.L.A.

These numbers refered only the workers recruited By W.N.L.A.

PERCENTAGEM DE SAÍDA DE TRABALHADORES PARA A ÁFRICA DO SUL  
NO DISTRITO DE MORRUMBENE 1960 1976

PERCENTAGE OF MIGRATION OF WORKERS TO S.A.  
FROM MORRUMBENE DISTRICT 1960 1976

ANOS/YEARS	POP.ATIVA MASC. ACTIVE MASC. POP. (20-60)	MOVIMENTO MIGRATÓRIO SIZE OF MIGRATION	% DE MIGRANTES % OF MIGRANTS
1960	14 514	2751	19
1961	14 591	2854	19
1962	14 668	2666	18
1963	14 745	2821	19
1964	14 822	3175	21
1965	14 899	1919	13
1966	14 976	3045	20
1967	15 053	2341	15
1968	15 130	2414	16
1969	15 207	2340	15
1970	15 279	2795	18
1971	15 395	2118	14
1972	15 511	2393	15
1973	15 627	2025	13
1974	15 743	2503	16
1975	15 859	2580	16
1976	15 975	502	3

NOTA: Os números considerados  
referem-se unicamente  
os trabalhadores recru-  
tados pela W.N.L.A.

These numbers refered  
only the workers recruited  
By W.N.L.A.

PERCENTAGEM DE SAÍDA DE TRABALHADORES PARA A AFRICA DO SUL  
NO DISTRITO DE ZAVALA - 1960 - 1976

PERCENTAGE OF MIGRATION OF WORKERS TO S.A  
FROM ZAVALA DISTRICT 1960 1976

ANOS/YEARS	POP.ACTIVA MASC. ACTIVE MASC. POP. (20-60)	MOVIMENTO MIGRATÓRIO SIZE OF MIGRATION	% DE MIGRANTES % OF MIGRANTS
1960	13 787	2660	19
1961	13 941	2765	20
1962	14 095	2549	18
1963	14 249	2086	15
1964	14 403	2285	16
1965	14 557	2095	14
1966	14 711	3120	21
1967	14 865	2329	16
1968	15 019	2502	17
1969	15 173	2280	15
1970	15 326	2454	16
1971	15 557	2126	14
1972	15 788	2512	16
1973	16 019	2035	13
1974	16 250	3008	18
1975	16 481	3701	22
1976	16 712	528	3

NOTA: Os números considerados  
referem-se unicamente os  
trabalhadores recrutados  
pela W.N.L.A.

These numbers refered  
only the workers recruited  
By W.N.L.A.

MINE LABOUR ORGANISATIONS (WENELA) LTD.

EAST COAST ADMINISTRATION

PROGRESSIVE COMPARATIVE STATEMENT OF OUTPUT - 1975/1976 .

CAMPS	NOVEMBER 1976	JANUARY/ 1976	NOVEMBER 1975	INCREASE	DECREASE	
<b>MAPUTO DISTRICT:</b>						
Alto Mahé	537	4,154	10,527		6,373	
Guijá	-	807	6,508		5,701	
Macia	-	1,820	6,154		4,334	
Magude	-	578	3,576		2,998	
Manhiça	-	863	4,726		3,863	
Moamba	1.656	7,293	2,642	4,651		
Xinavane	-	386	2,186		1,800	
<b>TOTAL:</b>		2,193	15,901		36,319	
<b>GAZALAND DISTRICT:</b>						
Xai-Xai	1,623	2,915	7,498		4,583	
Alto Chengane	-	79	1,950		1,871	
Chibuto	-	629	5,251		4,622	
Inharrime	-	425	2,134		1,709	
Manjacaze	-	694	7,962		7,268	
Za'ala	-	528	3,453		2,925	
<b>TOTAL:</b>		1,623	5,270		28,248	
<b>INHAMBANE DISTRICT:</b>						
Maxixe	2,037	2,658	1,057	1,601		
Funhalouro	-	173	2,472		2,299	
Homoine	-	528	2,537		2,009	
Jangamo	-	539	2,731		2,192	
Massinga	-	607	3,635		3,028	
Morrumbene	-	502	2,339		1,837	
Panda	-	230	938		708	
Vilanculos	-	1,049	5,614		4,565	
<b>TOTAL:</b>		2,037	6,286		21,323	
<b>DETENTIONS FORWARDED:</b>						
<b>TOTAL:</b>		846	2,130		6,251	
<b>TOTAL:</b>		6,699	29,587		92,141	
Rejects		12	89		363	
Detained		932	2,230		6,432	
Deserted		-	21		90	
<b>TOTAL REJ., DET. &amp; DES.</b>		944	2,340		6,885	
GOLD, ETC.		5,428	23,959		76,064	
COAL		327	3,288		9,192	
<b>TOTAL Via R. Garcia</b>		5,755	27,247		85,256	
Pafuri		-	1,212		21,551	
<b>GRAND TOTAL:</b>		5,755	28,459		106,807	
NOVICES	{	GOLD	2	684	18,486	17,802
	{	COLLIERIES	-	1	263	262

MAPUTO, 30th November, 1976

Nota

Os totais de recrutamento constituem um índice do movimento da mão de obra nos diferentes períodos e em diferentes áreas de recrutamento. Mas não constituem um índice correcto no que respeita à origem da mão de obra recrutada, porque os números de recrutamento são registados de acordo com a estação da Wenela em que os homens são admitidos. Em muitos casos os homens dirigem-se à estação mais próxima das suas casas para serem recrutados, mas nem sempre acontece assim, pois os homens provenientes de zonas a norte da latitude 22° sul têm de se inscrever numa estação fora de área da sua terra.

## A AGRICULTURA NA PROVÍNCIA DE INHAMBANE

O presente relatório não pretende, de modo algum, apresentar linhas de rumo nem soluções para um melhor aproveitamento dos recursos da província de Inhambane. O escasso tempo que permanecemos na região e a limitada área que visitámos não nos possibilitam formular directivas nesse sentido. Será seu objectivo apresentar algumas hipóteses por nós detectadas e que consideramos que podem contribuir para a definição de uma política económica de desenvolvimento agrícola da província.

Uma análise da produção agrícola em Inhambane necessitará de um estudo mais sistemático e aprofundado das seguintes rubricas que consideramos determinantes: . . . qualidade do solo, distribuição da terra, factores climáticos (em especial o regime das chuvas), utilização e distribuição da força de trabalho, influência do aparelho de Estado colonial e sistemas de comercialização e troca.

Utilizámos como principais fontes os recenseamentos agrícolas de 1965 e 1970 (publicados) e 1973 (não publicado) e os relatórios e inquéritos dos agregados familiares elaborados pelas brigadas.

### Factores climáticos - distribuição das chuvas

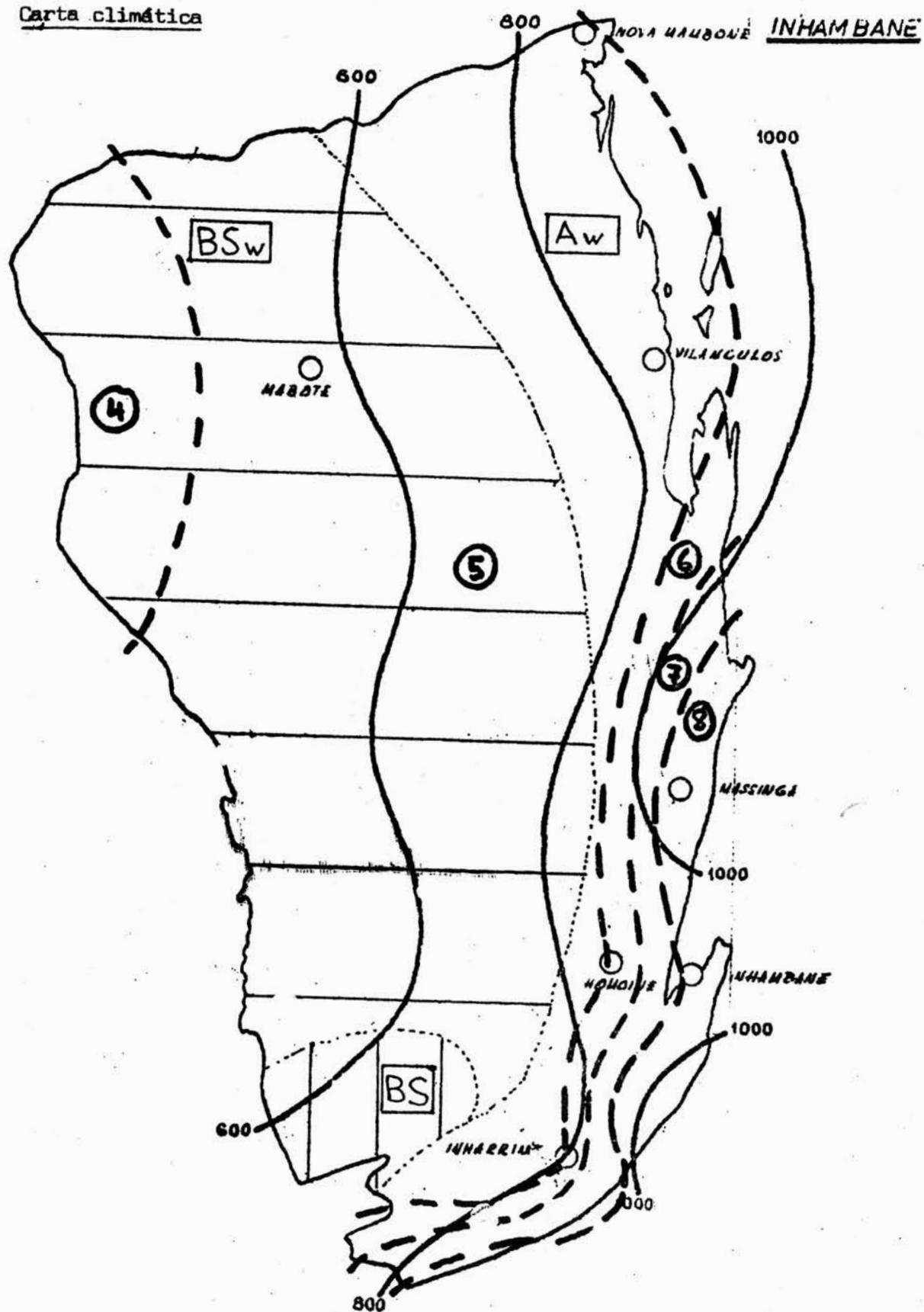
A agricultura de tipo tradicional está extremamente dependente do clima, em especial do regime pluviométrico, na medida em que o seu baixo nível tecnológico só permite uma adaptação, da melhor maneira possível, dentro destas limitações (selecção das culturas, técnicas de cultivo), não possibilitando, contudo, uma superação dos condicionalismos originados pelos factores climáticos (p.e. - na falta das chuvas, utilizando um sistema de irrigação adequado). No que diz respeito à distribuição das chuvas a zona litoral é a mais beneficiada (ver carta).

A época das chuvas tem uma duração muito variável, dependendo da localização geográfica. Assim verifica-se uma diminuição progressiva do litoral para o interior, que vai desde os 8 meses (litoral sul) até aos 4 meses (ver carta). As áreas agrícolas situadas nos distritos de Massinga - Funhalouro - Govuro, Panda, norte de Morrumbene e parte de Vilanculos caracterizam-se por uma acentuada escassez de água.

A carta climática distingue três tipos de clima:

- Aw : clima tropical chuvoso de savana com humidade suficiente para o desenvolvimento de vegetação de tipo florastal.
- Bsw: clima seco de estepe com inverno seco.
- Bs : clima seco de estepe.

Carta climática



Legendas

800 ——— Quantidade e precipitação no ano. Valores médios (mm)

④ - - - Duração da época das chuvas (número de meses).

BSw ..... Zonas climáticas

### Tipos de solos

Na província de Inhambane podemos considerar quatro tipos de solos cujas características gerais e modo de aproveitamento apresentaremos a seguir:

1. Solo areno-argiloso ou terra 'encarnada' - solo relativamente pobre que produz actualmente milho, amendoim, feijão nhenmba e jugo, batata doce, citrinos, cajueiros e coqueiros.
2. Solo arenoso ou terra 'branca' - é o solo mais pobre produzindo quase exclusivamente amendoim em algumas partes cajú.

Estes dois tipos de solo devido, no primeiro caso, à limitada fertilidade e no segundo à sua pobreza, eram utilizados no tempo colonial para cultura de subsistência e produções para mercado das populações na medida em que os solos mais férteis estavam ocupados pelos proprietários coloniais. Isto é:

3. Solo humífero ou nhaca - terra rica dada a sua alta composição orgânica e facilidade de abastecimento em água. Produz actualmente algodão, trigo, girassol, gergelim, feijão manteiga, jugo e nhenmba, milho mandioca, citrinos, batata doce, hortícolas, alho, cebolas, cajueiros e coqueiros. De salientar ainda que o nhaca é muito difícil de trabalhar com enxada, devido à sua dureza, sendo portanto necessário utilizar charrua.
4. Machongo - (ao longo dos rios e lagoas) - é o solo mais fértil e menos dependente do clima. Para além das produções citadas para o nhaca também produz arroz, cana-de-açúcar e uma mais vasta gama de hortícolas.

### Ocupação d. terra

Os recenseamentos agrícolas que utilizámos como fonte para o nosso estudo, distinguem dois tipos de agricultura que designam por sector empresarial e sector tradicional. Adoptámos a sua nomenclatura considerando o tipo empresarial constituído pelas latifundiários dos colonos e o tipo tradicional a agricultura praticada pelos camponeses.

Na província de Inhambane, segundo o recenseamento agrícola de 1970, as explorações agrícolas de tipo colonial eram 0,1% do número total de explorações e ocupavam 28% da área para cultivo. Havia 176 empresas ocupando uma área de 121.114,3 ha\*. Em números absolutos a área ocupada corresponderia a 1/3 da área total da província, mas para além do número de ha. importa atender, e principalmente, à qualidade do solo ocupada.

O número de empresas nesta província permaneceu bastante estável. Em 1942 existiam 137 empresas\*\*.

O quadro que se segue mostra como estas se distribuem por distrito e a área média ocupada por cada uma.

\* Estatísticas Agrícolas de Moçambique, 1970 Missão de Inquérito Agrícola de Moçambique, 1973, pág. 1.

\*\* Em comparação em Lourenço Marques o número subiu entre 1942 e 1970 de 259 para 547, na Zambézia de 121 para 422 e em Nampula de 145 para 638.

Distribuição por distrito das explorações agrícolas  
de tipo empresarial

Distrito	Nº	Exploração	
		Área (ha.)	Área ocupada por cada exploração (ha.)
Govuro	3	10.209,7	3.403
Homoine	21	15.261,6	727
Inhambane	55	34.459,9	627
Inharrime	20	11.544,9	577
Massinga	19	12.906,5	679
Maxixe	15	10.914,2	728
Morrumbene	44	20.923,5	455
Panda	3	649,6	217
Vilanculos	2	4.600,0	2.300
Zavala	3	894,5	298

Desta área ocupada pelo sector empresarial somente 1,5% era terra arável ocupada por culturas temporárias e horta, 8% era terra não arável com culturas permanentes, 24% para pastagens e 63% eram terras não utilizadas\*.

Os relatórios das brigadas de Homoine e Quissico revelam para o tempo colonial a existência de falta de terra para cultivo. No caso de Homoine isso deve-se ao facto de as terras férteis (machongo e nhaca) estarem ocupadas pelos colonos. De salientar que em relação a este distrito existiu um plano para a constituição de um colonato. Em Panda existiu uma falta relativa de terra na medida que a cultura extensiva e intensiva de coqueiros utilizou quase toda a terra disponível: o que tinha por resultado que os recém-chegados não podiam cultivar o produto principal e também tinham, de pedir a terra aos donos de coqueiros para produzir culturas temporárias.

No distrito de Zavala não existiam praticamente latifúndios na medida em que esta área foi considerada reserva indígena a partir de 1911. Além disso, neste distrito houve, a partir da década de 50, um grande incremento das cooperativas agrícolas de produção iniciado pelo governo colonial a que tinham acesso somente os camponeses que já possuíam uma área relativamente grande de terra (a partir de 3 ha.), o que originava que os membros das cooperativas fossem na sua maioria as autoridades tradicional-coloniais - régulos, cabos/chefes de terra - e seus familiares. A maioria dos camponeses ficou com uma exígua parcela de terra, e também sem acesso (ou pouco) a cultura de coqueiros, muitas das vezes insuficiente para satisfazer as necessidades mínimas vitais.

\* E.A.M., obra citada, 1965.

No que diz respeito ao sector tradicional o tamanho médio da terra, em comparação com o valor nacional, é relativamente grande - 2 ha./expl. (só Gaza e Niassa têm um valor médio superior - 2,2 ha.). Existem poucas explorações com menos de 0,1 ha. Do ponto de vista da diferenciação interna do campesinato é interessante notar que 4% das explorações têm mais de 5 ha. (a média nacional para 1970 é de 2,7 ha.) e ocupavam 16% da área (média nacional - 13,4%) o que representa mais que a área ocupada pelas explorações que se situam até 1 ha (12%).

O quadro que a seguir se apresenta ilustra o que atrás foi dito.

Percentagem de agricultores e área ocupada  
segundo o tamanho da terra\*

c	Classes de tamanho	% de agricultores	% de área ocupada
	<0,1 ha.	0,2	
	0,1 ha. < 0,5 ha.	11,8	12
	0,5 ha. < 1 ha.	22,8	
	1 ha. < 2 ha.	36,3	30
	2 ha. - 5 ha.	24,3	42
	>5 ha.	4,0	16

Verificámos, utilizando 14 amostragens do inquérito agrícola de 1965, que existe uma correlação positiva entre a área da terra produzida e o facto de se alugar ou possuir charruas. Não podemos, no entanto, indicar a direcção desta relação, i.e., se é a posse das charruas que provoca a procura de mais terra ou é o facto de se possuir uma quantidade relativamente grande de terra que conduz à aquisição ou aluguer de charruas (ver gráfico).

No respeitante ao modo como se efectua a distribuição da terra, a informação de que dispomos é bastante incompleta. Ainda no tempo colonial em alguns lugares a forma mais corrente de obter terra era através da herança - casos referidos no relatório de Homoine, Sitila e Quissico - Mindú e Canda. Isto mostra uma tendência para o desenvolvimento do tipo de propriedade privada, no entanto ainda não se faz sentir de uma maneira tão forte que chegue ao direito de compra e venda da terra.

O relatório do Homoine revela uma outra tendência existente durante o período colonial - a falta da terra causada pela apropriação dos melhores terrenos pelos colonos, reforçou o poder das autoridades tradicionais.

Depois do Governo de transição podemos dizer que os machongos e nhacas! ocupadas pelos colonos foram ficando, sucessivamente, livres. A terra livre foi ocupada quer de uma maneira espontânea (caso de Homoine),

\* R.A.M., 1965, obra citada, quadro 0.1.

quer sob o enquadramento das estruturas políticas de base, Grupos Dinamizadores (Cambine). O caso de Muchava-Homoiné mostra, agora, que a distribuição dos machongos obedeceu a um critério bastante desigual, sendo intenção do Grupo Dinamizador redistribuir novamente esta terra (ver quadro).

A distribuição do nhaca faz-se essencialmente em função da propriedade ou possibilidade de alugar de charruas (como dissemos anteriormente, quando caracterizámos os solos, o nhaca, devido à sua dureza é praticamente impossível de trabalhar sem charrua).

### Produções agrícolas

A partir da análise dos recenseamentos agrícolas de 1966 e 1973 podemos estabelecer as culturas que integram a agricultura de subsistência. Basicamente as principais produções para consumo são em número de quatro: amendoim, milho, feijão nhemba e mandioca. Todos estes produtos fazem parte, obrigatoriamente, da dieta alimentar das populações camponesas.

Parece que a mandioca só foi introduzida em grande escala sob pressão de administração colonial, fazendo parte, como dissemos acima, das culturas de subsistência, na medida em que não necessita de muito trabalho e, dado o seu carácter semipermanente, não está tão dependente dos factores climáticos. Ante a perspectiva de uma diminuição da força de trabalho, ou perante a ameaça de secas (Sitila, Pembe) verifica-se uma tendência para aumentar a área de cultivo da mandioca.

Actualmente, e na falta de amendoim, com já foi por nós referido, o cajú faz, cada vez mais, parte das culturas de subsistência.

Dentro das culturas de subsistência, e com carácter subsidiário, podemos englobar a mapira, meixoeira, arroz e batata-doce\*

Da análise das estatísticas agrícolas de 1970, e relativamente às produções agrícolas da província de Inhambane, sobressaem três aspectos que consideramos relevantes:

1. Embora a área para cultivo ocupada pelo sector empresarial fosse relativamente extensa (28% do total), a produção em relação a essa área é extremamente diminuta. É do sector tradicional (grupo B) que vêm, quase na sua totalidade, as produções agrícolas da província, nomeadamente:

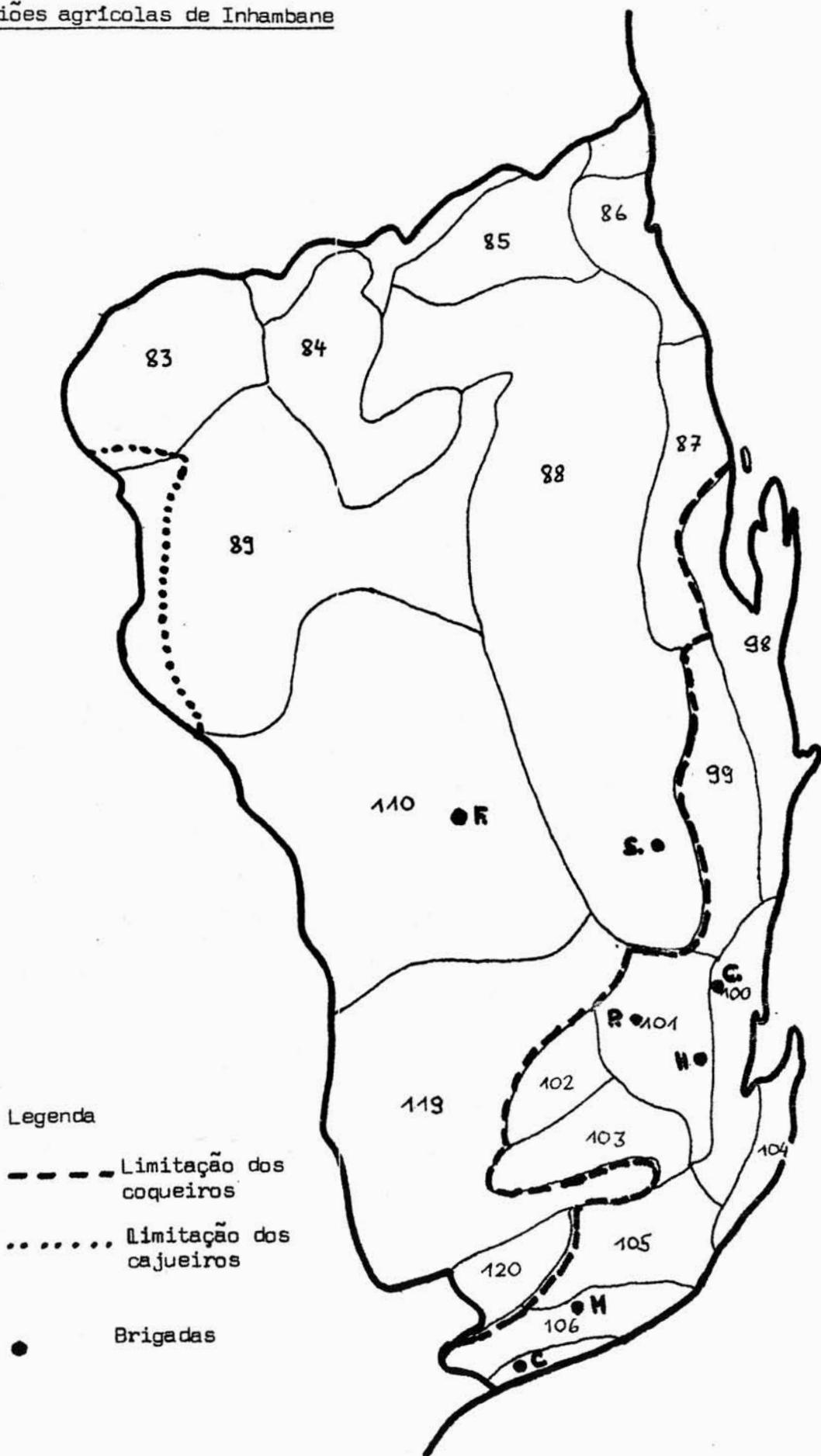
milho	- 98%	mapira	--100%
amendoim	- 99%	algodão	- 96%
mandioca	- 100%	mexoeira	- 100%
feijão regional	- 99%	arroz	- 94%

2. Durante o mesmo período, a produtividade quer do sector empresarial, quer do tradicional é inferior à média nacional. Vejamos alguns exemplos relativos ao grupo B:

---

\* CARVALHO, Mário de: A agricultura tradicional de Moçambique, Lourenço Marques, 1969, Apêndice III.

Regiões agrícolas de Inhambane



REGIÕES AGRÍCOLAS ALIMENTARES

Nº da Região	Mandioca %	Mapira %	Milho %	Arroz %	Amendoim %	Feijão %	Mexoeira %	Batata doce %	Tabaco %	Area média (ha.)	Algodão % de área cultivada	Nº dos arvores por unidade de agrícola	caju	coco
83	—	43,3	21,0	—	—	6,3	29,4	—	—	1,6	—	17,0	—	—
84	—	16,3	3,7	—	2,2	25,1	52,7	—	—	1,5	—	27,0	—	—
85	—	44,9	45,0	0,3	5,5	4,4	—	—	—	2,0	1,9	15,0	—	—
86	—	5,7	56,1	—	7,8	6,3	24,1	—	—	1,3	—	27,0	—	—
87	5,9	5,0	48,2	—	11,7	28,9	0,3	—	—	2,0	0,6	36,4	—	—
88	15,4	10,7	32,1	—	16,8	24,9	—	—	—	1,6	—	37,0	—	—
89	15,7	0,9	42,2	—	14,3	14,9	7,9	—	—	1,7	5,5	24,0	3,0	—
98	3,5	0,3	47,8	—	18,3	27,3	2,7	—	—	2,1	0,2	58,5	4,2	—
99	23,6	9,9	32,2	13,3	19,8	1,1	—	0,1	0,0	1,7	1,9	41,0	3,3	—
100	29,9	0,3	31,1	0,0	26,7	11,3	0,0	0,3	0,2	2,2	5,0	50,3	66,5	—
101	11,4	—	36,6	0,0	35,1	16,9	—	0,0	0,0	3,0	—	78,0	22,3	—
102	16,3	—	39,8	1,6	27,2	15,2	—	—	—	3,2	—	90,0	5,0	—
103	31,6	—	26,8	0,1	27,1	14,3	—	—	—	1,6	7,4	19,3	2,3	—
104	48,0	—	0,8	0,3	48,9	2,0	—	0,0	—	0,9	—	58,0	67,0	—
105	30,7	—	43,6	—	20,0	5,7	—	—	—	2,9	9,3	28,8	21,2	—
106	21,5	—	36,1	0,0	40,2	2,2	—	0,0	—	2,5	0,7	41,6	5,6	—
110	6,5	11,7	66,8	—	11,0	4,0	—	—	—	2,7	—	3,0	—	—
119	14,1	—	43,0	—	10,4	32,5	—	—	—	1,8	—	23,0	—	—
120	22,3	—	15,6	2,5	56,1	3,5	—	—	—	1,9	—	26,5	—	—

<u>Produtos</u>	<u>Média Nacional</u>	<u>Inhambane</u>
Algodão	0,30 (ton./ha.)	0,11 (ton./ha.)
Amendoim	0,22	0,11
Arroz	0,91	0,43
Feijão regional	0,35	0,10
Mandioca	5,68	2,77
Mexoeira	0,29	0,01
Milho	0,42	0,13

Estes números podem ser reflexo de uma situação motivada por diferentes causas: pobreza ou infertilidade do solo, carência de água, insuficiência numérica de força de trabalho, sem contudo estarmos aptos para determinar, agora, qual a que tem mais peso.

Este sector da actividade agrícola caracteriza-se pela inexistência duma tecnologia moderna como utilização de sementes seleccionadas, adubos, pesticidas, etc.

De notar que embora Inhambane pareça, pelas razões acima apresentadas, uma região relativamente pobre, existe nesta província um número elevado de meios de produção (charruas e gado), em comparação à média nacional.

3. Pelo contrário em relação às culturas permanentes, Inhambane ocupa um lugar de destaque na produção agrícola nacional, com:

56,1% dos cafezeiros	(1º lugar provincial)
21,7% dos cajueiros	2º " "
36,6% dos coqueiros	2º " "
51,7% das ananaseiros	1º " "
56,5% das goiabeiras	1º " "
34,0% das laranjeiras	1º " "
82,4% das tangerineiras	1º " "
65,0% das mafurreiras	1º " "

A introdução das culturas permanentes agia com o intuito de reforçar o tipo de propriedade privada da terra ainda em estágio formativo (processo por nós já referido quando tratámos da distribuição da terra). Quando da supressão das culturas forçadas em 1962, sistema de exploração colonial introduzido no início dos anos '40, assistimos a uma grande queda da produção.

A produção do algodão é disso exemplo representativo:

<u>Anos</u>	<u>Produção em tons</u>
1959	9.300
1960	11.700
1961	5.100
1962	3.000
1963	1.000
1964	1.500
1973	678

Verifica-se, actualmente em maior escala, a tendência para uma alteração dos produtos cultivados, aumentando cada vez mais as áreas das culturas para mercado em detrimento das produções para consumo, tendência por nós já referida. Outra situação por nós constatada, e que abordaremos mais pormenorizadamente quando tratarmos desse assunto é o progressivo abandono das culturas que necessitam de um maior despendio em tempo e em força de trabalho.

#### Meios de produção: charruas e gado

A análise de diferenciação social dentro do campesinato mostra que a posse e a utilização de charrua e bois faz parte das características do camponês médio.

Ao analisarmos comparativamente os quantitativos numéricos de charruas e de cabeças de gado existente nas diferentes províncias, é evidente que a grande maioria destes meios de produção se concentra no Sul do Save (gráfico 1.). Pensamos que uma das razões será a presença da mosca tsé-tsé nas outras províncias. Mas no entanto, na Zambézia, p.e., verificamos a existência de um grande número de bovinos na agricultura do grupo A (sector empresarial). Podemos formular, ainda que com carácter hipotético, que esta concentração se deve, pelo menos parcialmente, à utilização dos salários auferidos pelos trabalhadores migrantes nas minas da África do Sul, na aquisição dos citados meios de produção.

A brigada de Homofne analisou de uma forma mais detalhada quais as fontes que estavam na base da possibilidade de obtenção e reprodução de gado.

Encontraram as seguintes possíveis vias:

- a. Através de compra
- b. Por meio de herança (mais raramente)
- c. Por empréstimo (quando há criação a primeira cabeça pertence ao dono e a segunda a quem pediu emprestado).

Comparando a distribuição do gado nos anos de 1965 e 1974 encontramos que apenas 60% das famílias que possuíam bovinos em 1965 ainda os tinha em 1974. Isto significa que para 40% das famílias a reprodução do gado não se realiza através da sua criação. Podemos mesmo dizer que esta reprodução se efectua de forma monetária, utilizando os salários auferidos nas minas. A falta destes salários pode traduzir-se, a médio prazo, numa diminuição do gado bovino.

Em Pembe, durante os anos 1975/76, houve um número elevado de mortes de gado devido à seca. Em Quissico - Zavala registaram-se, e continuam a registar-se, igualmente muitas baixas no número de gado devido à falta de produtos químicos carracidas. Existem actualmente muitas charruas paradas por falta de energia animal. Temos dúvidas quanto à possibilidade de colmatar estas lacunas nos próximos anos, na ausência dos salários dos mineiros, sobretudo considerando o aumento do preço do gado bovino nos últimos anos.

O gráfico 2. mostra a evolução numérica das charruas e de diferentes tipos de gado, num período compreendido entre 1944 e 1973. As brigadas de Pembe, Quissico e Homofne referem o início da aquisição de

Gráfico 1 - Distribuição das charruas e do gado bovino em relação do número de agricultores por Províncias (1970)

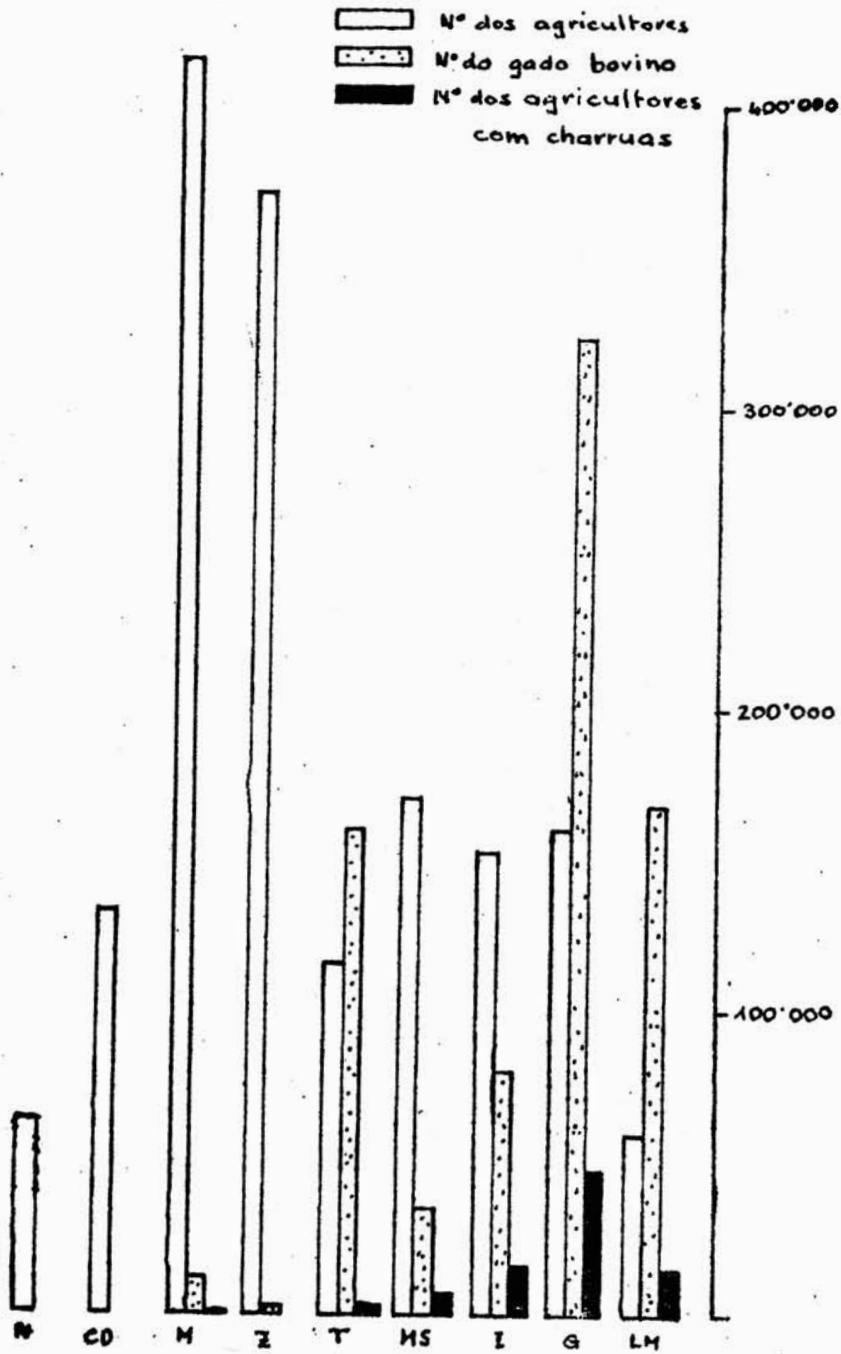
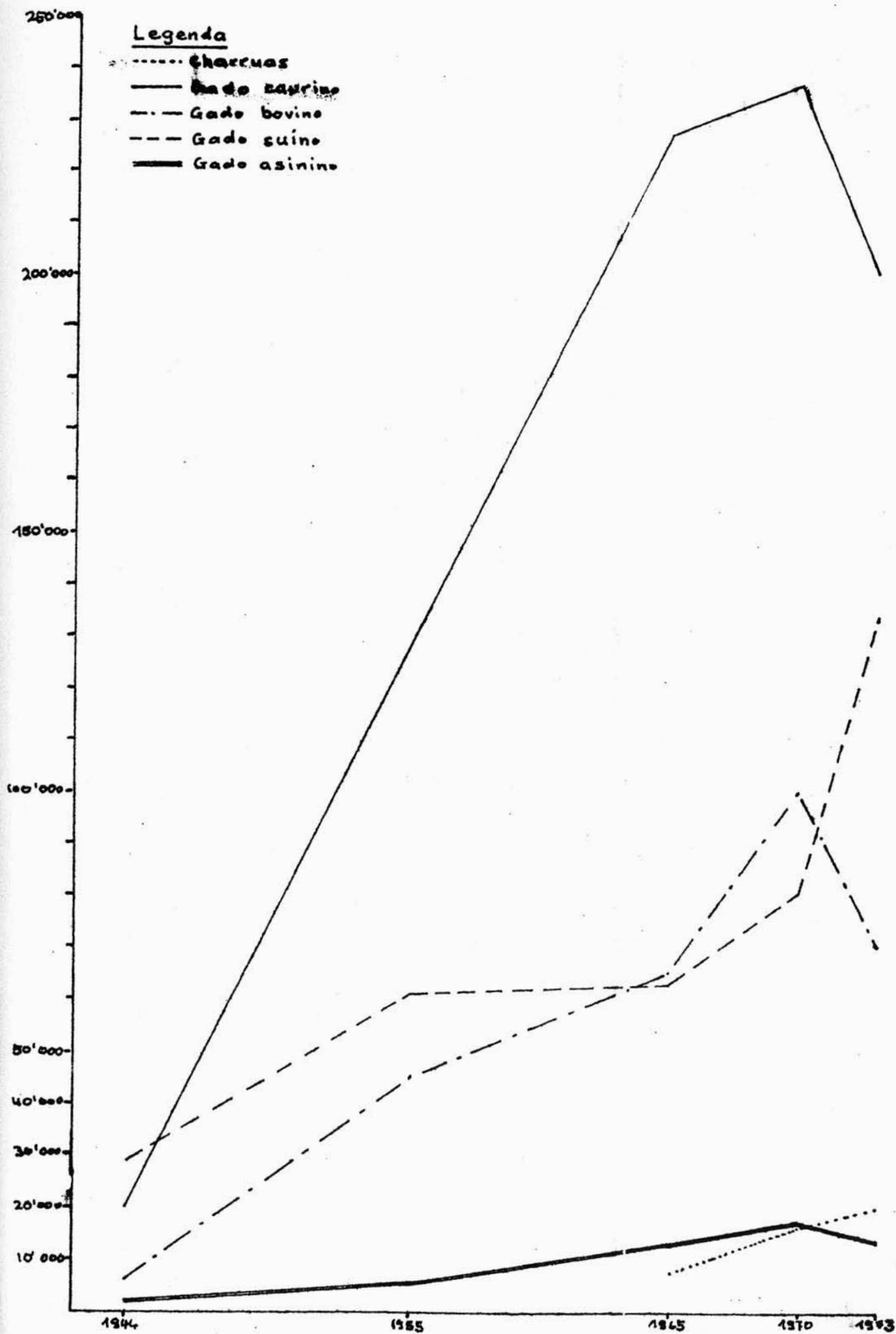


Gráfico 2 - Evolução numérica de charruas e vários tipos de gado entre 1944 e 1973 em Inhambane



charruas pelo começo dos anos '50.

O gráfico 3., elaborado a partir de 14 amostras do recenseamento agrícola de 1966, indica a relação entre posse/aluguer de charruas e área de terra. A utilização das charruas, na maioria dos casos alugadas, começa já à partir de 0,5 ha.-0,99 ha., sendo mais visível nas terras com mais de 1 ha. Mas, de um modo geral, só os proprietários de terras com 5 ha. e mais as possuem.

Podemos estabelecer quatro tipos de relações entre proprietários e não-proprietários de bois e charruas, quanto à sua utilização:

1. Tipo de entreajuda 'tsima' entre os proprietários de bois e charruas - efectua-se sem pagamento.
2. Cooperação entre os proprietários de charruas e os proprietários de gado bovino - sem pagamento.
3. Cooperação entre familiares - sem pagamento (Cambine) ou pagamento reduzido (Quissico).
4. Aluguer de charruas e/ou bois - mediante pagamento 200\$00-300\$00 por ha. (Homóine e Quissico).

Produtividade da terra - tendência para uma baixa como resultado do sistema de utilização praticado.

Em quase todos os lugares onde fizemos trabalho de campo constatámos, segundo opiniões colhidas dos camponeses, que nos últimos anos se tem verificado uma baixa de produtividade da terra.

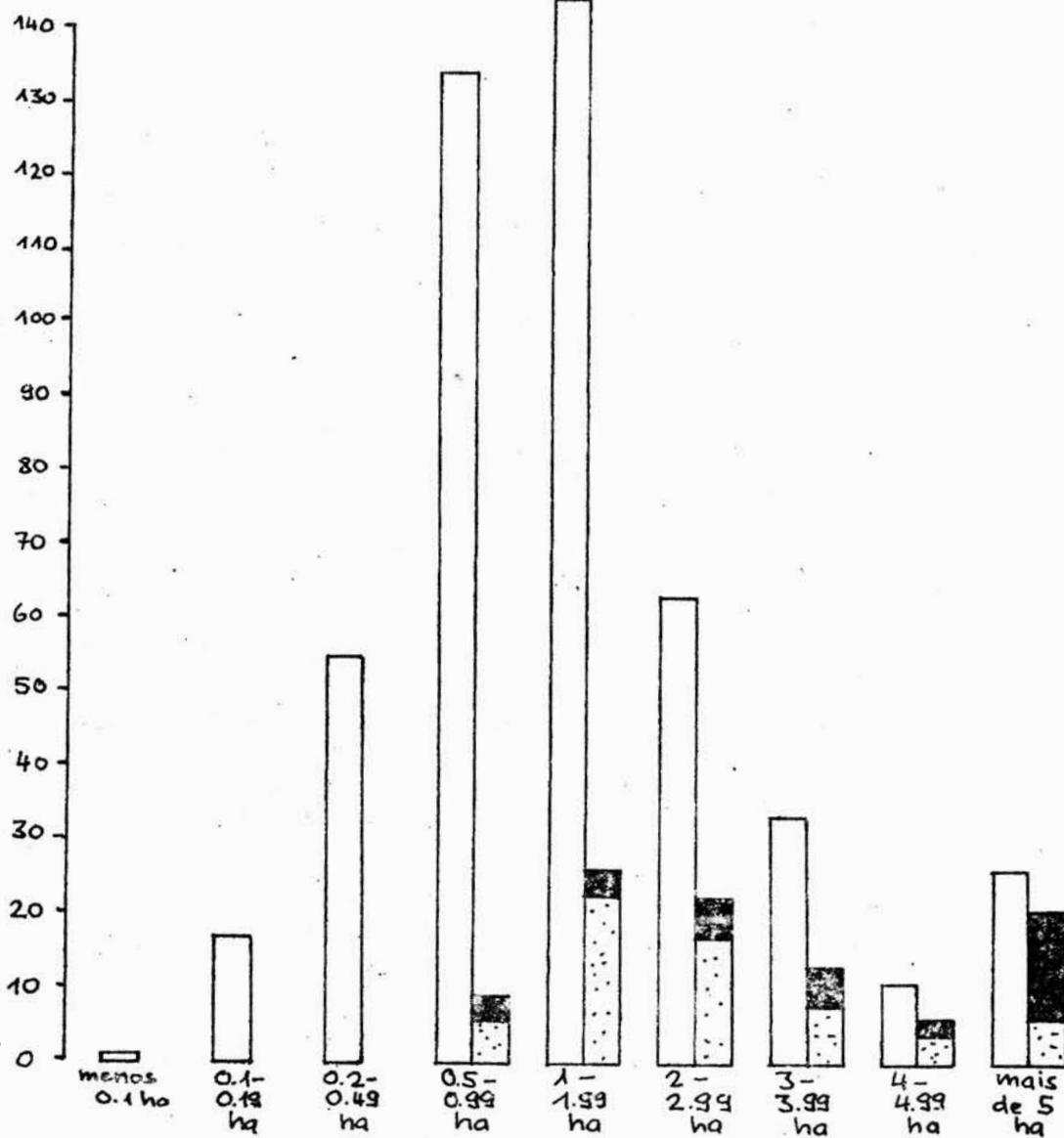
Por exemplo, em Homóine e Pembe, podemos estabelecer um circuito pernicioso, que tem como resultado uma degradação progressiva do solo, da seguinte maneira:

1. Pembe e Homóine mas não com tanta importância) foi considerado nos anos cinquenta e sessenta como o 'Celeiro de amendoim' da província. Na década de 50 assiste-se à introdução em grande escala das produções para mercado de cajueiros e coqueiros. Parece que pela primeira vez houve nestas regiões uma possibilidade concretizável de obter rendimentos com o trabalho agrícola;
2. Por outro lado os cajueiros e coqueiros ocupam a terra encarnada e parte da terra branca, isto é, os mesmos solos utilizados para a cultura do amendoim;
3. A arborização da terra encarnada e terra branca com cajueiros e coqueiros tem como efeito a redução drástica da cultura do amendoim\*. Como consequência nos últimos anos o amendoim foi substituído parcialmente pela castanha de cajú como produto alimentar básico o que provocou que o rendimento monetário da actividade agrícola também baixasse;
4. Parece que a fertilidade da terra baixou nos últimos anos, não só no que diz respeito à cultura do amendoim mas também à de cajú. Não temos dados suficientes que nos possibilitem dizer a razão porque tal estado se verifica. Podemos no entanto apresentar al-

---

\* O preço do amendoim em Cambine entre 1970 e 1977 subiu de 10\$00 para 30\$00 a lata de 20 l.

Gráfico 3 - Distribuição das charruas por tamanho de terra (1965)



Legenda

- Nº total dos agricultores
- ▤ Nº dos agricultores que alugam charruas
- Nº dos agricultores que possuem charruas

gumas razões que pensamos estar na sua origem:

- o facto de a terra, já relativamente pobre, não ter com culturas permanentes, o tempo para descansar e se regenerar;
  - parece que, para além disso, a densidade dos cajueiros é acima do normal;
  - a extensão da área arborizada limitar e reduzir a quantidade de terra necessária para todo o processo de produção porque inclui também a terra para pousio caso se praticasse o sistema rotativo.
- Em Pembe a prática de rotação é difícil de efectuar porque "as pessoas mudam de terra de vez em quando"\*. Em Homoine o sistema de rotação ainda é praticado. Houve poucos casos de camponeses que disseram que já não a efectuavam, alguns por não possuírem terra suficiente. No entanto verifica-se grandes diferenças na relação entre o tempo de cultivo e o tempo de pousio. Os camponeses ricos indicaram uma relação de aproximadamente 1:1 (1 ano cultivo por 1 ano pousio), enquanto outros indicaram relações de 5:1 e 3:1.

5. Existência de uma nova relação na distribuição das culturas, entre cajueiros e coqueiros e amendoim, não se verificando uma adaptação tecnológica a essa mesma ordem.
6. Parece que últimamente tem havido um aumento de pragas que tem destruído as culturas (p.e. roseta). Sabemos que o desequilíbrio ecológico motivado pela ausência de uma prática sistemática e organizada do sistema de rotação contribui para a sua propagação. Foi dito que o amendoim precisa de um pousio de 4 anos para destruição da praga.
7. Especialmente na área de Pembe a falta de área cultivável coincidiu com o aumento de charruas, facto que se verificou a partir de 1955. A necessidade de terra livre para cultivar produtos alimentares de base tem levado ao aproveitamento do mato e das pastagens. Isto leva a uma sobrevalorização do terreno para pasto, o que conduz a uma rápida deterioração do solo. Assim podemos dizer que as culturas para mercado entram em choque, por um lado com as culturas de subsistência e por outro com a criação de gado.

### Conclusões

Com a redução do movimento migratório para a África do Sul a população agrícola provavelmente aumentará. Estas pessoas irão concentrar-se, aliás como acontece desde há vinte anos, na produção para mercado (cajueiros e coqueiros). Se cada um, individualmente, seguir este padrão, acentuar-se-ão tendencialmente as contradições a um ritmo acelerado, ao mesmo tempo que este processo conduzirá a um rápido esgotamento da terra e a uma conseqüente baixa na produção.

Podemos antever três possibilidades de desenvolvimento futuro:

1. A primeira, sem dúvida a pior, será a já anteriormente mencionada, deixar as culturas desenvolver-se de um modo espontâneo, o que terá por conseqüência a aceleração do processo por nós atrás referido.
2. Procura qualitativa de novos produtos e novos métodos de cultivo que permitam uma conciliação entre as produções para mercado e para sub-

\* Em todas as 4 células de Pembe estudadas, as populações chamam a uma parte da célula 'cansada' ou 'velha', a outra 'nova', e há uma tendência constante nos últimos anos para mudar a terra, especialmente os camponeses mais ricos.

sistência de modo a garantir simultaneamente um nível suficientemente alto de rendimento monetário e a conservação do terreno. Para isso seria necessário além de se estudar a fundo o problema um sistema de planeamento e de divulgação de modo a um aproveitamento mais racional dos recursos regionais.

3. Organizar uma divisão regional de trabalho - áreas especializadas em determinados produtos (com todos os perigos e limitações de monocultura) e um sistema organizado dos circuitos de comercialização e troca. Este sistema tem um inconveniente principal: a cultura do cajueiro está muito dependente dos factores climáticos existindo o perigo de "queimar as flores". Assim tem de ser prevista uma forma de compensação no caso de perda da colheita das castanhas (p.e. sistema misto caju-cocos).

Outros obstáculos são decorrente da situação actual no sector de comercialização:

- em relação ao amendoim o circuito de comercialização não funciona porque os cantineiros dizem que a margem de lucros é tão pequena que não vale a pena transportá-lo do Norte para o Sul, região onde falta o amendoim mas há cajú.
- falta de estruturas de comercialização do cajú de modo a assegurar o dinheiro para comprar o amendoim ou outros produtos alimentares básicos.

Mesmo no caso de se optar por uma solução de tipo divisão regional do trabalho é necessário prever, nas regiões onde a densidade populacional é acima do normal, com aproveitamento mais racional dos cajueiros para evitar a baixa de produção e solucionar o caso dos mineiros regressados das RAS (caso que mencionámos acima).

APENDICE

Distribuição dos operários na indústria extractiva e transformadora em Inhambane (1972)

Total em Moçambique	94.847	Renumeração média por mês
Total em Inhambane	2.588 = 2,7%	
Alimentação	761	737\$00
Têxteis	25	1.130\$00
Madeira	1.735	454\$00
Papel	16	1.406\$00
Electricidade/água	51	2.107\$00

Estabel cimentos industriais, segundo o anos de entrada em actividade para Inhambane e Maputo.

	Inhambane	Maputo
Anteriores a 1965	38	380
De 1965 a 1970	34	271
De 1971 a 1973	10	189
Total 1973	82	840

## A PENETRAÇÃO DA ECONOMIA MONETÁRIA

Esta tentativa de periodização da penetração da economia monetária nos distritos de Inhambane que foram objecto do nosso estudo, não é fruto de uma recolha e reflexão sistemática de dados. Por isso, não nos foi possível mais do que delinear as principais tendências e, mesmo estas, permanecem esquemáticas e num estágio de hipóteses de trabalho. Uma coisa é certa: a economia monetária tem feito parte integrante da economia camponesa durante todo este século.

Sugerimos como base para esta periodização, a divisão em dois grandes períodos cuja demarcação cronológica não é, de forma alguma, rígida.

### I. Período até 1935-1940

Já no século passado os primeiros mecanismos responsáveis pela penetração da economia monetária se tinham instalado: caça e comércio de marfim até cerca de 1870, e depois caça para obtenção de peles até 1880, tendo como consequência que mercadorias como a enxada de ferro (importada) e cobertores passassem a constituir uma coisa 'normal' numa família e sobretudo que muitos homens fossem envolvidos neste tipo de trabalho fora de economia de subsistência\*.

No fim do século passado e o início deste século, a penetração do colonialismo português é fortalecida e com ela a penetração da economia monetária. Há quatro mecanismos principais:

1. A introdução do imposto de palhota (em dinheiro, introduzido no começo deste século ou no fim do século passado\*\*; as necessidades financeiras da administração colonial aumentaram com a consolidação da presença colonial e eram financiadas principalmente pelas receitas provenientes da tributação sobre o campesinato:

#### Orçamento do distrito de Inhambane para 1913-1914\*\*\*

Receitas totais	1,072.550\$00	100%
das quais: imposto de palhota	650.000\$00	60,6%
rendimento da emigração (taxa paga pelos mineiros)	200.000\$00	18,6%
		79,2%

\* S.J. Young, "Changes in diet and production in Southern Moçambique 1855-1960, artigo policopiado, 1976.

\*\* Segundo o relatório de Sitila já em 1854 e segundo outras fontes a partir de 1855.

\*\*\* Relatório do Governador 1911-1912, Distrito de Inhambane, Lourenço Marques, 1912, p. 70).

2. A ocupação da melhor terra pelos colonos (sobretudo os machongos), a evacuação do gado em 1908 (por causa de peste bovina) e o acesso cada vez mais restrito da população à caça, diminuem consideravelmente a possibilidade da população viver só da agricultura e caça. Isto aumenta a dependência da população em relação ao dinheiro obtido fora da agricultura\*.

3. Com a introdução de colonatos a partir dos anos 1910 à procura de mão-de-obra barata aumenta e com ela o trabalho forçado, o sistema de rendas de trabalho é sucessivamente introduzido. Para os homens existe a alternativa é fugir para as minas ou fazer trabalho forçado ainda pior pago de que nas minas, nos colonatos, ou fugir e viver mais no interior da província onde as condições agrícolas são em geral mais difíceis.

Mesmo as mulheres têm que participar na construção das estradas no anos 1920, o que reduz ainda mais a produção agrícola de subsistência.

4. O facto do lobolo ser pago geralmente em dinheiro na segunda década deste século deve ser visto no contexto de 1. e 2. A escassez crónica de dinheiro numa família constitui certamente um mecanismo importante para:

- a. o aumento constante do preço de lobolo (ver anexo I).
- b. o facto de ser muito raro o pai utilizar o dinheiro do lobolo que recebeu, para pagar o lobolo do seu filho;
- c. e para compreender em parte o fenómeno do casamento prematuro. Em Homoine foi-nos indicada como razão para os casamentos prematuros ainda existentes a situação financeira precária das famílias.

O lobolo até hoje constitui uma razão muito importante para o trabalho migratório dos jovens.

Dada a quase inexistência nesta altura de empregos renumerados razoáveis, aqueles mecanismos encontram-se estreitamente associados ao movimento migratório para as minas da África do Sul que aparece como a única fonte realmente acessível ao campesinato para a obtenção de dinheiro. É interessante notar que inicialmente as autoridades coloniais aceitaram o pagamento de impostos em libras. As divisas constituíam aliás a principal moeda corrente em Moçambique nas primeiras décadas deste século. Como o orçamento de 1913/1914 mostra, quase 80% das despesas da administração colonial de Inhambane são pagos com dinheiro das minas, sendo o imposto de palhota pago necessariamente com dinheiro das minas. Um pequeno estudo publicado na Sociedade de Geografia de Lisboa\*\*, referente ao Distrito de Homoine, assinala a seguinte situação em 1924: de um total de 22.000€ proveniente dos salários de um ano pagos nas minas, 15.000€ foram absorvidas pelo imposto, as restantes 7.000 foram utilizadas para outros gastos, nomeadamente o lobolo. O mesmo estudo assinala que o preço de lobolo na altura era quinze vezes

\* S. J. Young, op.cit.

\*\* Nunes, Joaquim, "Apontamentos para o estudo da questão da mão-de-obra do Distrito de Inhambane sob a influência da emigração para o Transvaal com especial referência a Circumscrição Civil de Homoine", Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série nº 46 (1928), nºs 5-6, Maio-Junho, pp. 110-147.

superior ao preço do imposto anual\*.

A característica essencial deste período consiste portanto no facto de a penetração da economia monetária não ter tido como efeito a produção de produtos para mercado na agricultura, mas antes ter forçado o camponês a vender a sua força de trabalho nas minas da África do Sul, quer dizer proletarianizar-se. Por outras palavras: a agricultura nunca forneceu o sobreproduto que foi apropriado pelos colonialistas, isto em parte por causa das condições limitadas, na agricultura, especialmente o clima irregular, a falta da terra boa e o nível do desenvolvimento das forças produtivas na agricultura 'tradicional'. Os impostos e o lobolo constituíram as causas mais importantes nesta fase para a dependência do camponês em relação ao dinheiro, além do facto de a agricultura 'tradicional' neste século, segundo parece, se ter situado sempre no limiar da insuficiência para a subsistência e reprodução familiar: o dinheiro das minas era também preciso para comida nos anos de fome e para a compra de meios de produção como enxadas e gado bovino (ver os inquéritos).

Isto não quer dizer que o campesinato não realizasse já a troca dum parte dos seus produtos por outras bens de consumo. Mas a quantidade trocada era insuficiente e a troca era habitualmente em espécie (borracha e cera até aos anos 1920-30, amendoim, milho, feijão, nhemba, e mais tarde um pouco de castanha de cajú, em troca de panos, enxadas, louça, etc.).

A introdução do lobolo em dinheiro e sobretudo do imposto de capitação (substituindo o imposto de palhota) para cada adulto com mais de 18 anos nos anos 1920 por um lado, e as limitações da agricultura por outro lado, tiveram (e têm) como efeito que quase todos os jovens fossem forçados a ir trabalhar nas minas para poderem pagar os impostos, para lobolar e para instalarem a sua própria casa.

As afirmações ideológicas como "só um homem que foi às minas é um homem adulto" e "o menino tem que comer muito para poder trabalhar na África do Sul", etc. têm pois uma base muito material, quer dizer económica. É de salientar que mesmo com a 'abolição' do lobolo o problema de dinheiro para o jovem que quer casar-se não fica resolvido.

## II. Período: a partir de 1935-40 até ao presente

Todo este período que se estende a partir dos anos 1935-40, assiste a significativas alterações decorrentes da montagem das estruturas coloniais que a partir de então se acelera e cujos reflexos ao nível da penetração da economia monetária parecem evidentes.

A transformação qualitativa, que a nosso ver, surge em relação ao período anterior decorre do facto de o campesinato se ter visto coagido a participar amplamente na economia de mercado, já não simplesmente pela venda da sua força de trabalho mas igualmente pela comercialização regular da sua produção.

---

\* O imposto era de 1£ e o lobolo de 15£ (1.500\$).

1º Sub-período: 1935-40 a 1962-64

A transformação qualitativa acima referida é basicamente induzida pelo uso da coacção física. Graças à montagem da máquina administrativo-repressiva que a partir desta altura se aperfeiçoa ainda mais, foi possível às autoridades coloniais a introdução pela força das culturas obrigatórias de algodão e, nalguns locais, do arroz. As culturas obrigatórias constituíram, na nossa opinião, o mecanismo por excelência que conduziu à comercialização regular da produção das unidades familiares camponesas.

Foi proibido consumir parte do arroz cultivado nas machambas obrigatórias, o que significava com a tecnologia existente, que parte do produto necessário de subsistência tinha de ser comercializado e por isso a população tinha que comprar uma parte da comida. Esta comercialização permitiu, através mecanismo da troca desigual, uma exploração adicional do campesinato.

Paralelamente, e como resultante das infra-estruturas do sistema colonial, assistimos à prática mais sistemática e generalizada da colecta do imposto, bem como à introdução mais sistemática do trabalho forçado (chibalo)\*. Tudo leva a crer que o clima social criado por estas medidas, assim como o desfazamento entre o nível dos salários pagos em Moçambique e nas minas da África do Sul, impulsionaram a corrente de trabalho migratório ainda mais.

Acompanhando todo este processo de implicações evidentes ao nível da penetração da economia monetária, observa-se sobretudo após a 2ª Guerra Mundial, o desenvolvimento da inflação que se reflecte óbviamente no preço do lobolo (ver anexo I).

No final dos anos 40, ao que parece, a comercialização regular e em larga escala da castanha de cajú veio reforçar o processo de monetarização. A plantação de árvores de cajú parece agravar ainda mais o problema da escassez de terra para culturas temporárias de subsistência (ver parte sobre a agricultura) e por consequência a dependência dos camponeses em relação à venda da cajú e a aquisição de outros produtos alimentares aumenta.

2º Sub-período: 1962-64 até 1974

Sob a pressão da luta de libertação que se inicia nas colónias portuguesas, este sub-período conhece a abolição do chibalo e das culturas obrigatórias. Estes acontecimentos parecem ter reduzido o movimento da comercialização da produção (ver anexo II) mas não ao nível dos anos anteriores à introdução das culturas forçadas. A comercialização dos produtos e a circulação da força de trabalho, perdendo a sua base directamente coerciva, são reforçadas por uma política de alta de salários

\* O trabalho forçado, ainda que de forma irregular, existia antes desta data. No entanto face aos quantitativos salariais pagos (quando eram pagos) parece-nos não ser digno de referência no contexto de seu impacto no processo de penetração da economia monetária.

e preços de compra de produtos ao campesinato\*. Paralelamente, observa-se um significativo desenvolvimento da concessão de crédito ao comércio para a compra de produtos aos camponeses\*\*. Na segunda metade da década de 60 abrem as suas portas na Maxixe e Xai-Xai as sucursais do Banco de Crédito Comercial e Industrial (B.C.C.I.), Standard Totta, Pinto e Sotto Mayor e Banco Nacional Ultramarino (ver anexo III). Parece que também nesta altura a administração colonial tentou eliminar por decreto a troca em espécie o que realmente não se efectiva até à independência. Parece que o preço em dinheiro que os camponeses recebiam pelos seus produtos era mais baixo que o preço da mercadoria que recebiam em troca (ver relatório de Quissico).

Por outro lado verifica-se, tal como no sub-período anterior, um aumento dos impostos e do preço do lobolo a acompanhar a 'alta' de salários e o subsequente processo inflacionário. A produção do 'cash-crop' caju (do ponto de vista de força de trabalho necessária, o caju é muito mais fácil que o algodão que é uma cultura de trabalho intensivo), torna-se cada vez mais importante na produção camponesa, ao qual se junta, na zona costeira de Inhambane no fim dos anos 1960, a comercialização da copra. Mas o trabalho migratório nas minas ainda constitui parte integrante e importante da economia monetária camponesa: os aumentos de salários decorrentes da luta dos operários na África do Sul, em 1964-65 tiveram como consequência uma certa elevação do nível de vida: chão de cimento nas casas, mesmo casas de alvenaria (para uma grande parte sobretudo a partir de 1974 nas regiões mais ricas como Homoine), móveis simples, louça, etc. consumo habitual de chá, petróleo, etc. Os inquéritos mostram que a grande maioria dos bens de consumo duráveis, e os meios de produção como charruas e bois, adquiridos pela população, foram pagos com dinheiro das minas\*\*\*.

Ao mesmo tempo desenvolve-se uma certa divisão de trabalho. Desenvolve-se um artesanato moderno como pedreiros, carpinteiros, alfaiates, mas também o artesanato tradicional se transforma em produção de mercadorias: venda de palha para telhados, construção de palhotas, venda de esteiras, gamelas e pilões, etc. Este artesanato permite a muitos camponeses terem uma receita adicional em dinheiro que lhes permite viver sem ir à África do Sul. Mas indirectamente este artesanato depende dos salários dos mineiros: o trabalho feito tradicionalmente pelos chefes de família é feito contra pagamento, sobretudo para as famílias em que o homem está ausente nas minas. Os pedreiros e carpinteiros dependem da construção de casas,

### 3º Sub-período: 1974 até agora

Finalmente, a conjuntura vivida durante o período de transição e após a independência, caracteriza-se pela relativa estagnação do processo que temos vindo a descrever. Houve, até agora, duas tendências:

- \* Este facto é confirmado pelos relatórios de Sitila e de Homoine.
- \*\* Tudo leva a crer que a previsão sobre o campesinato no sentido da comercialização da produção se deve não só à necessidade de exportação, mas igualmente à necessidade de abastecimento das cidades, algumas das quais crescem espectacularmente a partir dos anos '60.
- \*\*\* Ver os inquéritos de Homoine.

### 1. Quebra do volume de dinheiro proveniente da agricultura:

Há diversas razões:

- a. baixa da produção, a partir de 1975 (falta ou excesso de chuva), sobretudo de amendoim e de milho;
- b. paralização parcial da rede de comercialização causada:
  - pela baixa acentuada verificada na concessão de crédito (ver anexo III sobre o Banco de Moçambique)
  - pela fuga dos pequenos comerciantes
  - parece que há também problemas com a fixação de preços de compra e venda (cajú e amendoim) que não é bastante flexível em relação aos custos de transporte em regiões com grandes distâncias dos centros comerciais.
- c. Falta de transporte;
- d. o aumento dos preços da roupa, etc., aumenta ao mesmo tempo a dependência dos camponeses em relação as receitas em dinheiro.

Segundo o relatório de Sitila o movimento do comércio diário dum comerciante baixou entre 1975-77 de mais de 15 contos para 4 contos. Em 1975 as cantinas em Sitila venderam: açúcar, sabão, cimento, vigas, charruas, etc, agora vendem quase exclusivamente produtos alimentares.

### 2. Aumento do volume de dinheiro proveniente das minas

O aumento considerável dos salários nas minas a partir de 1974 teve como consequência que os mineiros que regressaram das minas recentemente trouxessem somas relativamente grandes (mesmo em relação às receitas em dinheiro dos poucos camponeses médios levando a uma elevação do nível de vida, sobretudo no que concerne à construção de casas (cisternas, à aquisição de gado e charruas) para muitas pessoas.

Estas duas tendências significam, do ponto de vista do camponês, que a importância relativa do trabalho migratório para a economia da sua família parece agora ser ainda mais importante do que antes de 1974\*.

A quebra abrupta no recrutamento dos mineiros a partir dos anos 1976-1977 só se vai sentir a partir do futuro próximo. Isto quer dizer que a falta de dinheiro para comprar os produtos essenciais vai agravar-se consideravelmente se não houver um próximo ano agrícola muito melhor e uma recuperação considerável da comercialização, sobretudo para o cajú no fim deste ano.

---

\* Há camponeses que durante muitos anos não foram para a África do Sul e voltaram a ir em 1975 por causa da alta de salários.

LOBOLOVersão 1<sup>1)</sup>Versão 2<sup>2)</sup>Versão 3<sup>3)</sup>

anos 1930	500 - 800\$ max. 1.000\$	1930	1500-1200\$ mais uma capulana e uma túnica para a sogra.	1916 1934/38	1000\$ em ouro 1600\$ sem outras coisas (ele pagou isto para a sua mulher).
1940	1500-2000\$ dependia da família do homem	1940-50	± 2.500\$	1950	± 2.000\$
1950- 1960	começou a subir 3000- 4000\$ segundo a Jona.	1964	subiu muito 3.500/ 4.000\$-8.000\$ "cada um faz como quiser".	1968	± 3.000-6.000\$
agora	7.000-8.000\$ + roupas para a sogra e os sogros panos para a mãe e a fi- lha, panelas de ferro, varia muito de pessoa a pessoa. Depende também dos anos escolares da filha.	1974/75	Não tem preço fixo: 5.000-6.000\$ mais, as vezes um boi, vestidos, para a mãe, para o pai da filha, 1 saco de arroz, ou de milho, etc. "muitas coisas.	1974-77	Varia muito. 1.000-6.000\$ de "gra- tificação" mais vesti- dos para o sogro e a sogra e a filha. Pagar a festa.

1) J.J.

2) Venâncio Guambe

3) Jacinto

Segundo os relatórios de Pembe e Homoine o lobolo começa ser pago em dinheiro a partir de ± 1915.

ANEXO IIBanco de MoçambiqueCréditos para Caju (por campanha)

Segundo Distritos	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77
Gavuro .	10.000			
Homoine .	4.700.000	1.100.000	150.000	350.000
Inhambane .	300.000	75.000		
Inharrime .	200.000	230.000	200.000	100.000
Massinga .	2.725.000	400.000	250.000	
Maxixe .	16.859.000	2.190.000	975.000	200.000
Morrumbene .	1.125.000	100.000	150.000	
Panda .	685.000	300.000	300.000	100.000
Vilanculos .	600.000	200.000		
Total .	27.294.000	4.595.000	2.025.000	750.000

Banco de Moçambique: Créditos aos comerciantes em 1000\$00 (1) e em números (2) seguinte o distrito ou localidade

	1968		1970		1972		1974		1975		1976		1977*	
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Massinga	740	7	1.220	12	1.250	10	1.625	10	1.200	6				
Maxixe	4.575	18	7.292	51	14.750,7	75	22.566	79	9.975,5	38	17.340	36	7.333	30
Homoine	125	2	675	5	1.750	13	5.045	32	750	6	400	1	450	3
Panda	150	2	705	5	595	8	1.135	6	30	1	300	1	100	1
Inharrime	30	1	100	1	100	1	330	5	330	3	200	1	100	1
Morrumbene	300	2	300	2	517,5	5	1.905	13	500	4	350	3	120	1
Zavala	50	1												
Iangamo	110	2					225	3	50	1				
Vilanculos					550	4	450	3	200	1				
Mambone					260	6	550	3	940	1				
Mavanza							700	1						
Total	6.080	35	10.192	76	19.864,2	122	34.511	155	13.975,5	61	18.590	42	8.103	36

\* até 28.7.1977

Banco de Moçambique: Créditos aos comerciantes em 1000\$00 (1) e em números (2),  
seguinte o sectores de actividade.

	1968		1970		1972		1974		1975		1976		1977*	
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Comercio geral	1.360	16	<u>5.942</u>	41	3.456	29	5.365	44	1.955	12	790	4	1.280	8
Agricultura					90	2	145	2						
Copra	400	1			1.900	6	6.885	17	1.800	10	215	3	300	3
Caju	1.410	10	2.920	12	<u>9.015</u>	34	<u>17.771</u>	63	<u>5.025</u>	24	1.375	5	1.750	11
Amendoim	135	3	210	4	705	8	1.150	8	1.105	6	1.110	8		
Arroz	200	1											100	1
Milho	50	1	980	17	1.995	23	1.110	6			150	1		
Feijão					245	6	100	1						
Mafurra					35	1	300	1						
Maxoeira					35	1								
Pecuaria	50	1	240	2	<u>1.017,5</u>	4	825	6						
Pescã							500	3	150	1				
Madeira (Ind.)	500	1			500	1			<u>3.790</u>	4	<u>14.850</u>	19	<u>4.388</u>	6
Transporte	<u>2.000</u>	1							87,5	2				
Outros					<u>779,7</u>	7	380	5	63	2	100	1	285	4
Total	6.080	35	10.192	76	19.864,2	122	34.511	155	13.975,5	61	18.590	42	8.103	36

\* até 28.7.1977

Outros compreende: Ferragens, Construção, Industria hoteleira, Industria agua ardente, Serviços Sociais, Cultura, Carpintaria, Industria de mungem, Industria vidro.

..... mais do que 25% do total

..... mais do que 50% do total

### DIFERENCIAÇÃO SOCIAL NO CAMPO

O objectivo da nossa investigação sobre a base camponesa foi examinar a influência do trabalho migratório na economia rural. É evidente que nem todos os agregados familiares camponeses contam com os salários do trabalho mineiro e são por eles afectadas do mesmo modo. Para se descobrirem os diferentes efeitos sobre as várias famílias, foi necessário começar por examinar a estrutura social na zona rural de Inhambane. Dois dos relatórios de brigada que apresentamos - em relação em Pembe (Homoine) e Maimela (Morrumbene) - fornecem dados que indicam que os diferentes estratos do campesinato estão envolvidos de maneira diferente no trabalho assalariado. Mas, para analisar as interrelações de diferenciação, tivemos primeiro de construir um esquema para o estudo da diferenciação social nas áreas rurais.

Na província de Inhambane existem pelo menos três sistemas diferentes de aproveitamento da terra, o que originou diversas formas de relação com a terra. Elas são as que se seguem:

- áreas de anterior colonização agrícola e arrendamento de mão de obra: os antigos latifúndios (Maimela e Buvane em Cambine);
- áreas de terrenos abertos sem limites mas com relativa falta de água;
- faixas costeiras onde a propriedade das árvores limita o uso da terra (Quissico - Canda, áreas ao longo da faixa costeira).  
Muitas áreas não se inserem totalmente em nenhum destes três tipos, mas são combinações de diferentes tipos (caso de Homoine).

Os colonos possuidores de latifúndios operavam com base num sistema complexo de exploração, que não pode ser descrito nem como de exploração puramente capitalista nem simplesmente como um sistema de tipo feudal. Representava mais um entrelaçar complexo de elementos de ambos os sistemas, determinado pelas forças produtivas existentes e seu relativo atraso. A essência do sistema, com diferentes variações em redor deste ponto, surgiu da apropriação das melhores terras, das quais uma parte foi transformada em plantações e outra parte foi reservada para arrendar aos camponeses. A força de trabalho para as plantações era obtida sómente em parte (e normalmente em pequena parte) através do trabalho assalariado, enquanto a principal componente era formada pela prestação de um tributo em trabalho pelos camponeses arrendatários do latifúndio. Para além disso, o camponês-arrendatário era forçado a pagar uma renda em géneros (ou em dinheiro, em alguns casos) com parte do produto que obtinha da sua machamba situada nas terras do latifúndio. Deste modo, este sistema combinava elementos de forma de exploração feudal e capitalista destinadas a fornecer ao latifundiário o máximo lucro possível com as forças produtivas existentes.

Nos outros dois tipos de áreas não existiam senhores da terra como tais, nem grandes propriedades. A distribuição de terras era ostensivamente controlada pelo sistema 'tradicional' de herança e distribuição, mas este sistema foi alterado pela imposição colonial do cabo de terra (chefe da terra) que podia usar os seus poderes de distribuição de terras com objectivos políticos e sociais.

Nas áreas de terrenos abertos sem limites, a aquisição da terra assumiu também a forma de obtenção de novas terras pelo desbravamento da vegetação. Nestes casos; a propriedade dos instrumentos de produção e a dimensão da força de trabalho da família eram, obviamente, importantes para determinar a aquisição de terras. Nas áreas costeiras onde os coqueiros constituem a principal fonte de riqueza, as oportunidades para obtenção de terras através deste processo foram muito mais restritas. Aqui, a herança e as manobras dos 'régulos' e 'cabos de terra' desempenham um papel muito mais dominante na aquisição das árvores. Também neste caso a propriedade privada das árvores significava que elas podiam ser compradas aos seus proprietários. As pessoas com poucas árvores podiam cultivar as terras de outros proprietários de árvores (pagando uma renda em géneros) mas não tinham acesso à produção das mesmas.

Ao contrário das zonas rurais chinesas, portanto, a essência da revolução entre os camponeses não era a luta contra os senhores feudais proprietários da terra. Deste modo uma análise de classe das zonas rurais de Inhambane não dará os resultados esperados, especialmente da destruição dos latifúndios e do desaparecimento dos grandes senhores de terras a quem os camponeses estavam subjugados e perante os quais estavam também monetariamente endividados. Algumas características residuais do sistema de latifúndios, embora não muitas, ainda permanecem (ver no relatório de Maimela, o facto de que mesmo depois da redistribuição das terras feita pelo GD, os dois camponeses mais ricos são membros da família dos latifundiários).

Mas se não existe exploração no sentido clássico do termo, existem diferenças no seio do campesinato que devem ser localizadas. Estas são diferenças que podemos esperar no contexto de uma economia rural em que a produção familiar se baseia na pequena produção mercantil, isto é, a família não está separada da terra, dos seus meios de produção e a unidade do núcleo familiar é a unidade de produção e de consumo. Mas desde que a economia rural foi arrastada pelo colonialismo e capitalismo, para o mercado nacional e internacional e foi penetrada pela economia monetária, certas diferenças significativas surgiram dentro da sociedade.

Localizámos os seguintes estratos dentro da sociedade rural em Inhambane:

1. - Camponeses ricos - a característica essencial deste grupo é que utiliza mão de obra assalariada, embora numa base extremamente limitada e por vezes sómente em tempo parcial. Este grupo é muito reduzido e apenas localizámos dois camponeses deste tipo na amostra de famílias camponesas analisada.
2. - Camponeses médios - a nossa definição de agregados familiares rurais médios assenta no seguinte:
  - i. propriedade e utilização de instrumentos de produção, especialmente charruas e gado, e muitas vezes, moinhos.
  - ii. uma base agrícola relativamente segura com produção para mercado a vários níveis, assim como para consumo caseiro.
  - iii. agregados familiares extensos, isto é, maior quantidade de força de trabalho.
  - iv. terras relativamente maiores que o vulgar.

- v. propriedade de um número relativamente grande de culturas permanentes, isto é, árvores.
- vi. fontes de riqueza ligadas a actividades não agrícolas, como artesanato e ofícios.
3. - Camponeses pobres - só eram proprietários de instrumentos de produção ocasionalmente sendo a sua base agrícola incerta e instável. Como consequência produzem pouco para o mercado e muitas vezes sem o suficiente para se alimentarem. Também possuem fontes de receitas a partir do artesanato mas parece que praticam os métodos mais simples e menos lucrativos e ganham relativamente pouco com este trabalho. Trabalham terras mais pequenas e muitas vezes de inferior qualidade; possuem menos árvores e a força de trabalho do agregado familiar é quantitativamente menor.
  4. - Trabalhadores agrícolas assalariados - são extremamente poucos, mas poderão crescer em número com a redução das fontes de trabalho assalariado nas minas. Em muitos casos os assalariados agrícolas foram trabalhadores em tempo parcial, quer dizer, não conseguiam o suficiente nas suas próprias machambas e tentaram trabalhar nas terras de outros durante parte do ano. Este grupo provém, é claro, dos camponeses pobres.
  5. - Pequenos produtores independentes - visto que muitas famílias camponesas contam com o artesanato como fonte de receitas suplementar, classificámos como artesãos ou artífices sómente aqueles cuja principal fonte de receitas fosse a pequena produção mercantil.
  6. - Cantineiros, comerciantes e proprietários de transporte - por outras palavras uma burguesia comercial incipiente, embora na maioria dos casos constitua uma classe instável, por exemplo alguns dos possuidores de meios de transporte estão a fornecer serviços de transporte indispensáveis na sua área, embora operem sem licenças.

Era muitos casos a demarcação entre os camponeses médios e pobres, que em conjunto constituem a grande maioria, é bastante insegura. Alguns camponeses médios conforme vão envelhecendo e portanto com menos capacidades para trabalhar caem no grupo dos camponeses pobres. Neste grupo podemos encontrar não só os velhos camponeses mas também as jovens famílias no início da sua vida produtiva (ver o relatório de Maimela). No grupo dos camponeses pobres surgem ainda as viúvas e as mulheres que vivem sós, além dos diminuídos físicos e doentes. Na determinação de linha de demarcação entre os camponeses médios e pobres, a importância relativa dos factores mencionados será diferente de acordo com o sistema de utilização da terra. Os meios de produção necessários para a principal produção para mercado da área, constituem, obviamente, o factor de maior peso na determinação dessa fronteira. Assim, por exemplo, na faixa costeira a posse de coqueiros desempenha um papel mais importante, enquanto em áreas com terrenos relativamente abertos a propriedade de gado e charruas assim como o volume de força de trabalho familiar devem ser os mais determinantes. Além disso, em áreas anteriormente colonizadas, o sistema de redistribuição de terras e o critério usado para isso, determinarão em grande escala as consequências daí resultantes. Mas, como se pode ver no quadro acima apresentado, os campo-

Utilizando esta definição de camponeses médios e pobres, as famílias camponesas que foram entrevistadas podem-se classificar como a seguir se apresenta. É evidente que a divisão segundo o critério acima indicado é mantida entre os dois estratos:

	MORRUMBENE				ZAVALA				HOMOINE				PEMBE									
	BUVANE Med.Pobr		MAIMELA Med.Pobr		SITILA Med.Pobr		MINDU Med.Pobr		CANDA Med.Pobr		MUCHAVA Med.Pobr		MEU Med.Pobr		ZACANHE Med.Pobr		COMO Med.Pobr		VAVATE Med.Pobr		SEFANE Med.Pobr	
nº de questionários	(10)	12	10	13	13	12	4	53	10	24	10	25	17	8	15	7	11	11	5	12	11	10
percentagem com charruas	50	8	60	15	58	8	50	11	60	0	60	0	52	0	73	0	100	9	80	6	54	10
percentagem com moinhos	20	0	40	8	31	0	0	4	20	0	40	3	18	0	40	14	66	18	40	8	9	0
nº de cajueiros	277	143	290	90	150	35	90	70	420	180	250	64	190	61	500	100	2500	200	250	100	300	110
nº de coqueiros	133	27	270	55	não sig.	44	13	290	18	330	36	252	33	.....	.....	não significativo	.....	.....	.....	.....	.....	.....
média de força de trabalho	4,5	2,5	5,4	2,5	4,0	2,8	3,6	2,0	4,8	3,4	3,1	2,2	3,6	2,0	4,9	2,0	6,9	2,8	4,5	1,8	4	2,3
média de terras cultivadas	N / A	N / A	N / A	N / A	N / A	N / A	N / A	N / A	N / A	8,6	1,4	6,5	2,5	4	5	12	4,5	12,0	6,0	8,6	6,6	6,6
nº de mineiros ausentes	N / A	1	4	6	4	1	7	3	6	0	9	0	7	N / A	N / A	N / A	1	1	1	3	3	3
outros assalariados (nº de ausentes)	0	3	4	4	N / A	6	2	0	1	0	2	5	0	N / A	N / A	3	1	1	0	1	2	2

neses médios são geralmente mais dotados, no conjunto, que os pobres.

Dos nossos trabalhos de campo, transparece com relativa evidência a existência de correlações entre estes grupos de camponeses e a sua dependência em relação ao trabalho mineiro. O quadro abaixo apresenta, para as áreas investigadas (com excepção de Sitila onde os dados conseguidos não nos permitiram estabelecer a correlação) o número médio de contratos, a idade média do operário-camponês e a dimensão para a amostra estudada dos grupos de camponeses médios e pobres. Apresentamos a idade média porque o número médio de contratos dependerá, obviamente, da idade do operário-camponês.

Área	Camponeses médios			Camponeses pobres		
	nº médio de contratos	idade média	tamanho da amostra	nº médio de contratos	idade média	tamanho da amostra
Zacanze	4,8	49	14	20,6	59	3
Muchava	6,5	49	9	13,2	52	19
Meu	5,7	53	12	5,2	42	13
Sefane	6,7	55	9	10,3	63	6
Vavate	4,8	56	5	8,6	60	8
Como	6,2	57	8	8,2	43	6
Buvane	7,6	46	8	11,2	47	10
Maimela	10	55	9	10	45	10
Mindu	2,7	29	4	7,7	46	49
Canda	2,4	62	5	8	46	19

Como se pode observar a partir do quadro, os camponeses médios, no seu conjunto, tendem a trabalhar um número menor de contratos nas minas do que os camponeses pobres da mesma área. O camponês médio parece, assim menos dependente do trabalho migratório para o financiamento das despesas normais de consumo da família e tende mais a utilizar as receitas provenientes do trabalho nas minas para a aquisição de instrumentos de trabalho de modo a tornar mais independente a sua base agrícola e artesanal. O camponês pobre devido a dificuldades da família (como doença), a um mais difícil acesso à terra, etc., permanece obrigado a regressar às minas para complementar o seu rendimento de subsistência.

Obviamente, tal divisão não se manifesta de uma forma absolutamente clara. Poderíamos argumentar, como hipótese, que numa das extremidades da escala, o camponês médio, razoavelmente bem estabelecido é um agricultor que, devido à sua possibilidade de acesso à terra (resultante da sua melhor relação com as autoridades colonial-tradicionais ou do maior tamanho da família) ou devido ao facto de ele estar numa posição mais bem paga nas minas, consegue estabelecer-se com instrumentos de produção suficientes para as actividades artesanais ou agrícolas, ou mais vulgarmente, ambas. Na outra extremidade situam-se os camponeses pobres, que ou por doença ou outra incapacidade, não puderam deslocar-

-se às minas (estes homens não foram incluídos no quadro), ou aqueles cujas receitas provenientes do trabalho mineiro foram sempre necessárias para a manutenção do consumo necessário da família, o que reproduziu, vezes e vezes seguidas a necessidade de regressar às minas.

### PEQUENA PRODUÇÃO MERCANTIL E COMÉRCIO NO CAMPO

Das 372 famílias entrevistadas mais detalhadamente, pelo menos 110 possuíam uma pequena produção mercantil de base caseira, ou actividade comercial. Dizemos 'pelo menos' 110 famílias porque é evidente que algumas famílias não desejavam revelar-nos o seu modo de vida. Por exemplo, aqueles que fabricavam bebidas alcoólicas para venda, os envolvidos em negócios de pequenas lojas, os que se dedicavam à compra de burros na Rodésia para venda na província, os curandeiros que quase sempre não nos falavam directamente das suas actividades. Essas informações foram-nos fornecidas por outras fontes, no Distrito. Mas tornou-se claro que uma em cada três famílias entrevistadas depende até certo ponto de uma terceira fonte de receitas para além da agricultura e do trabalho mineiro ou outro tipo de trabalho assalariado.

O quadro abaixo dá-nos uma separação dos principais tipos de actividades:

#### Pequena produção mercantil

Camponeses velhos com mais de 50 anos, mais de 6 contratos, com pequena produção mercantil	Camponeses velhos com menos de 6 contratos	Trabalho nas minas e pequena produção mercantil	Pequena produção mercantil como actividade principal: pedreiros, carpinteiros	
44	5	15	20	
Pequenos artesãos agricultores	Mulheres: pequena produção mercantil: fabrico de esteiras, etc.	Transportadores	Agricultura, transporte e pequena loja	Agricultura e pequeno comércio
6	6	8	2	4

Um grande grupo é constituído por camponeses mais velhos (o chefe de família tem mais de 50 anos) que se dedicam a pequenas actividades

de artesanato para sobreviver. Foram entrevistadas 49 famílias (os dois primeiros grupos). É interessante notar que havia apenas cinco famílias cujos chefes tinham efectuado menos de 6 contratos mineiros. Pareceria então ser esta uma alternativa, embora muito menos remunerativa; na idade avançada. A grande maioria destas famílias dedicavam-se ao fabrico de esteiras, trabalhos de madeira (colheres, pratos, etc.) e cestos. Este grupo possui instrumentos de produção baratos.

Um outro grupo (15 famílias) é chefiado por homens mais novos que se dedicam a uma pequena produção mercantil quando estão em casa, de regresso das minas. Esta actividade agrupa a grande maioria dos alfaiates e depende da posse de uma máquina de costura, sempre comprada com dinheiro proveniente do trabalho mineiro. A sua produção é geralmente bastante pequena.

Um grupo relativamente pequeno (6 famílias) dedica-se principalmente à produção agrícola (com a venda de excedentes) mas em adição exerce actividades artesanais, normalmente alfaiataria com máquinas de costura provenientes de Africa do Sul, ou, em dois casos, pesca, com redes compradas com o salário mineiro.

Sómente seis famílias parecem ter mulheres engajadas na actividade de produção de pequenos bens de consumo (costureiras, fabricantes de esteiras e de bolos) mas é evidente que muitas mulheres se dedicam ao fabrico de bebidas (alcoólicas ou não), à venda de bolos e produção de alimentos. Em todas as reuniões nas células se ficou com ideia de que um grupo de mulheres vendia os seus próprios produtos, embora as nossas entrevistas não tivessem revelado estas actividades.

Todas estas famílias exercem pequenas actividades que lhes proporcionam exiguas somas de dinheiro. Muito poucas ganham mais de 1.000\$00 ou 2.000\$00 por ano e algumas ganham mesmo muito menos. Embora pouco, em muitos casos, este dinheiro é importante para a sobrevivência da família.

As outras famílias (34 ao todo) desempenham actividades mais lucrativas, 20 destas sendo consideradas como tendo por principal actividade uma pequena produção mercantil (a maioria são carpinteiros, pedreiros ou construtores de casas de cimento, e curandeiros). Muitos deles realizaram relativamente poucos contratos mineiros.

Oito nunca efectuaram trabalho mineiro, outros oito tinham trabalhado menos de 3 contratos. Muitos deles possuindo uma família extensa vivem com base na agricultura e produzem para o mercado, usando principalmente charruas e moinhos.

As outras 14 famílias estão engajadas na actividade comercial. Quatro são pequenos comerciantes aproveitando-se do facto de que a loja oficialmente registada está por vezes à distancia de 30 kms. da zona. Oito possuem Jipes ou tractores e dedicam-se a actividades de transporte tanto de pessoas, como de bens. A maioria comprou os seus tractores depois da independência, com dinheiro da agricultura e dinheiro ganho na Africa do Sul e duas outras famílias exerceu ambas estas actividades. A grande maioria têm igualmente uma boa produção agrícola.

Em resumo, um grande grupo de famílias pobres que dispenderam muitos anos nas minas, têm de produzir pequenos bens para venda, de modo a poderem comprar os artigos básicos necessários à sua vida - o caso

mais extremo é o de um homem velho que para lhe trazerem água tem de pagar com os cestos que tece. Outras combinam o trabalho mineiro com o da alfaiataria, embora em pequena escala; um outro grupo ganha relativamente grandes somas de dinheiro (em relação aos proventos na zona rural de Inhambane) mas desempenha igualmente importantes actividades agrícolas. O investimento inicial em carros e instrumentos de produção é por vezes feito com os salários mineiros e também com dinheiro proveniente das suas actividades agrícolas. Os que efectuaram investimentos verdadeiramente importantes, fizeram-no recentemente e não se pode dizer que se tivessem estabelecido como comerciantes somente passados 2 ou 3 anos, depois do início das suas actividades.

## EXTENSÃO DA EXPORTAÇÃO DE TRABALHO

### Pembe (Homoine)\*

A área de Pembe é considerada como uma área de grande migração. Situada na margem da zona litoral, o seu solo é pobre e a pluviosidade irregular.

A brigada que trabalhou em Pembe tentou avaliar a extensão da migração. No entanto não há dados precisos e completos pelo que foi necessário juntar informações recolhidas a partir de várias fontes. Assim, os resultados só dão uma ideia aproximada da quantidade e importância de trabalho migratório na área.

### História da Migração

A brigada efectuou 22 Questionários a Mineiros. Todos os mineiros entrevistados tinham pais que haviam trabalhado nas minas. Destes, dez tinham mais de 55 anos e três mais de 75, incluindo um que estava a cumprir o seu terceiro contrato no princípio da 1ª Guerra Mundial e cujo pai tinha trabalhado nas minas de diamantes da África do Sul.

### Percentagem da migração no círculo de Pembe

A brigada conseguiu obter da Wenela números incompletos sobre o recrutamento referente ao período 1954-60, e da Administração de Homoine estatísticas populacionais incompletas para o período 1960-1975. Desta forma, fez-se uma estimativa da percentagem de migração entre 1958 e 1960 utilizando estatísticas populacionais de 1960 ou outras interpoladas até 1960. Os números do recrutamento para as minas incluem homens inscritos na estação central de recrutamento, e também em cinco das doze sub-estações. Cerca de 25% do recrutamento de trabalhadores provém das outras sete sub-estações. O número de trabalhadores recrutados no períodos 1958-1960 foram os seguintes, segundo os nossos cálculos:

1958 - 800  
1959 - 800  
1960 - 600

A população de Pembe em 1960 oscilava entre 10.000 e 12.000 e incluía entre 2.500 e 3.000 homens com mais de 18 anos. A percentagem migratória desta população masculina pode assim ser calculada em:

1958 - 27 a 32%  
1959 - 27 a 32%  
1960 - 20 a 24%

Estes números devem ser encarados como mínimos uma vez que alguns homens deveriam certamente ter ido para Homoine a fim de serem recrutados e isso não seria registado nas estatísticas de Pembe. Comparado com o número de migração de Homoine como um todo, que era de 14% em 1960, conclui-se que Pembe era uma das áreas de Homoine com uma das percentagens

---

\* extracto do relatório da brigada estacionada em Pembe.

percentagens mais altas de exportação de trabalho.

Diferenças de migração nas células ricas e pobres (sob o ponto de vista agrícola) de Pembe

Os números para 1975 não são rigorosos mas incluem os números da população presente e também os de chefes de família ausentes na África do Sul na altura da elaboração do censo. Uma vez que só os chefes de família estavam registados como ausentes, os números referentes à migração pecam por defeito, ajudam-nos a ter uma ideia da intensidade do trabalho migratório nas células do círculo. Os números estão no Quadro 1.:

Homens (chefes de família) ausente na África do Sul, 1975 por cabado.

Cabado	Homens ausente, 1975	Total homens >18 anos	%	Riqueza agr. do cabado
Como	68	429	15,8	rico
Chirrengeti	23	120	19,2	médio
Catine-1	23	204	11,3	rico
Catine-2	21	146	14,6	rico
Dole	18	189	9,5	médio
P.R. de Pembe-Quemanhane	42	337	12,5	médio
P.R. de Pembe-Zacanha	66	378	17,5	rico
Benhane-1	29	210	13,8	rico
Benhane-2	27	272	13,4	rico
Benhane-3	44	199	22,1	rico
Malate	29	212	13,7	rico
Binguane	17	200	8,5	pobre
Sefane	21	131	16,2	pobre
Dorote	13	118	11,0	pobre
Dindane	10	95	10,5	pobre
Vavate	21	172	12,2	pobre
Vuca	13	115	11,3	pobre
TOTAL	485	3596	13,5	

As células\* foram classificadas como pobres, médias e ricas de acordo com a qualidade do solo e condições para a agricultura. Ressalta que as células mais ricas fornecem, em média, mais trabalho migratório:

\* Ver nota Introdutória sobre Divisões Administrativas e Políticas

células ricas - 15,9 %  
 " médias - 12,7 %  
 " pobres - 11,7 %

Mas há variações dentro destes grupos de células. Nas células pobres, por exemplo no caso de Sefane, há uma percentagem de ausência de homens, tão alta como a média nas células com números mais elevados.

A partir de sondagens irregulares efectuadas em reuniões políticas obtivemos mais informações. Nas três células de Como, Zacanhe e Sefane, a média de contratos nas minas era de 6,02, e o tempo médio de estadia de cada contrato era de 17 meses, totalizando 102 meses de trabalho nas minas, ou oito anos e meio. Na célula de Zacanhe o número médio de contratos era menor mas o tempo médio de estadia era maior, dando um total de tempo de trabalho nas minas quase igual ao das outras células, uma das quais considerada muito pobre e duas outras consideradas mais ricas. Estes números, que não tomavam em consideração dados como a idade e outras referências que designamos por índice 1 e que é explicada no capítulo 'A Força de Trabalho Mineira - foram usados para corrigir parcialmente essa omissão. As médias obtidas para o Índice 1 são as seguintes:

Como 0,43  
 Zacanhe - 0,38  
 Sefane - 0,30

Estes números mostram uma vasta variação tendo Sefane - a mais pobre das células - um índice mais baixo. Isso implica uma média mais baixa no tempo de trabalho nas minas.

#### Diferenciação social entre os trabalhadores migrantes

Deduz-se assim que as células mais pobres em Pembe têm uma menor incidência de migração para as minas. Para verificar se isto significa que famílias pobres cumprem menos contratos nas minas foi feito um cálculo do número de contratos cumpridos por camponeses pobres e médios (ver a definição de trabalho do Projecto no capítulo sobre a Base Camponesa). Os resultados foram os seguintes:

Célula	Camponeses Médios			Camponeses Pobres		
	nº médio de contratos	nº total de anos nas minas	idade	nº médio de contratos	nº total de anos nas minas	idade
Como	6,3	9,1	57	8,2	11,2	43
Zacanhe	7,6	8,9	46	11,2	14,2	47
Sefane	6,7	9,5	55	10,3	12,7	63
Vavate	4,8	5,5	53	8,6	10,6	60
MÉDIA	6,5	8,2	53	9,7	12,2	53

Estes cálculos mostram uma tendência nítida por parte dos camponeses mais pobres não só para cumprirem mais contratos nas minas mas também contratos mais prolongados (as médias deste quadro são mais altas do que as que foram dadas na página anterior porque foram excluídos todos os

homens fisicamente incapazes para trabalho assalariado).

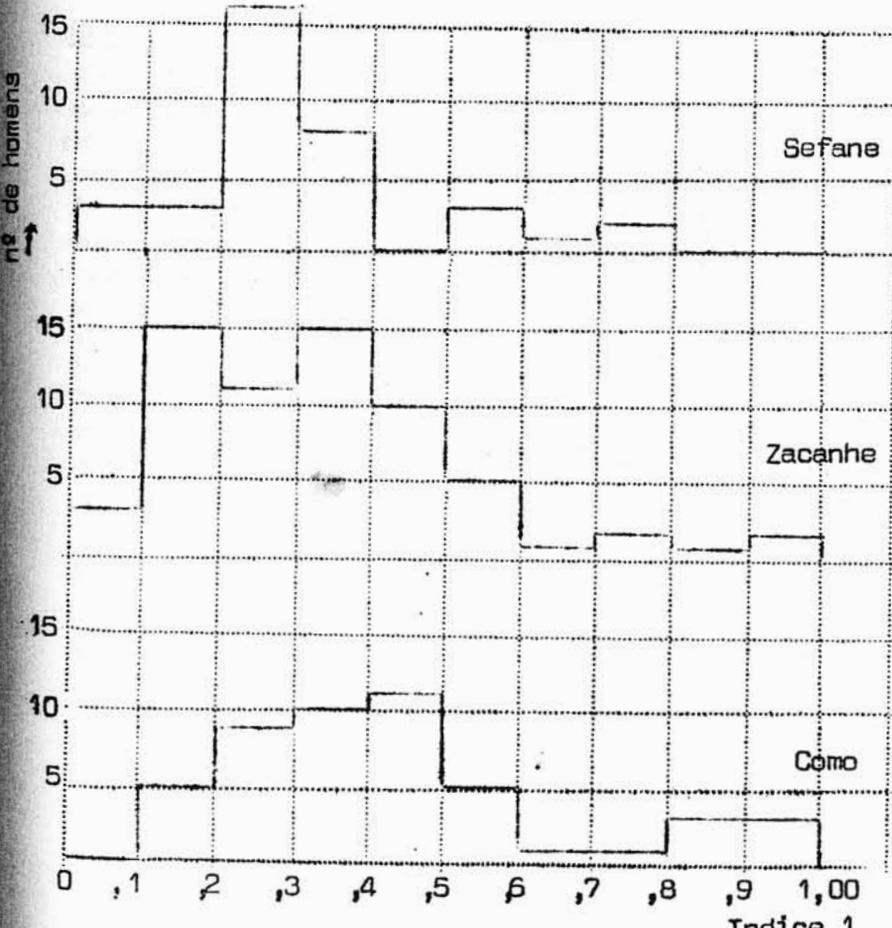
### Vida de trabalho e proliferação de contratos

Fôra-nos dito que no círculo e na Província havia duas espécies de mineiros. O primeiro é o camponês-mineiro que cumpre alguns contratos, compra os seus bens domésticos e instrumentos agrícolas e não regressa às minas excepto em caso de crise. O segundo ~~é~~ o homem que vai para às minas muitas vezes durante a sua vida. Já mostrámos relativamente às células de Pembe que os camponeses pobres têm em média mais contratos e passam mais tempo nas minas do que os camponeses médios. Podemos também demonstrar que numa de cada três dessas células (ou seja, as mais pobres) poucos homens regressam das minas antes da idade de 35 anos. Em Sefane só um terço dos homens regressa do seu último contrato antes desta idade em oposição com cerca de metade nas células mais ricas de Como e Zacanhe, mesmo quando esses números e são corrigidos à luz do facto de que os não beneficiários de bónus não podem regressar presentemente mesmo se o desejarem.

Percentagem de mineiros regressados dos seus últimos contratos antes dos 35 anos:

	Como	Zacanhe	Sefane
Todos os Questionários	71	47	33
Homens regressados antes de 1973(•)	47	50	36

(•) Ou seja, homens que quase de certeza não teriam regressado às minas mesmo se pudessem.



Quadro. 2.

Quadro 3: Distribuição de contratos em Pembe (4 células)

Nº de contratos	Percentagem de tempo passado nas minas entre o primeiro e o último contrato				
	mais que 75%	67-74%	50-66%	33-49%	0-32%
3- 4	6	5	11	5	8
5- 6	7	3	8	9	6
7- 8	2	1	6	5	
9-10	3	0	2	2	
11-15	4	0	3	2	
≥16	4				

Os Quadros 2 e 3, também dão uma ideia da distribuição dos contratos.

O Quadro 2 é um histograma do Índice I (a percentagem da vida de trabalho passada nas minas) e mostra que a grande maioria dos homens trabalha até cerca de metade da sua vida e só uma pequena proporção trabalha por períodos mais longos do que isso. O Quadro 3 mostra a percentagem do tempo passado na África do Sul entre o primeiro e o último contrato, e mostra que quando o número de contratos aumenta o tempo passado no lar diminui. A grande maioria daqueles que cumprem sete ou mais contratos passam mais de metade da sua vida de trabalho na África do Sul.

#### Quantidade actual de migração (Julho-Agosto 1977)

Foi feita uma estimativa do número de homens ausentes à data da investigação da Brigada. Efectuou-se este trabalho perguntando às mulheres presentes nas reuniões de massas se os seus maridos estavam ausentes nas minas. Ao todo 42 das 320 mulheres disseram que os seus maridos estavam então na África do Sul. Desta forma, 13 por cento dos chefes de família estavam ausentes na altura. Este total não inclui, claro está, todos os mineiros ausentes, na medida em que alguns mineiros não são casados. Nos nossos inquéritos na Wenela a percentagem de mineiros não casados era apenas de 8,9. Tomando este número em consideração isso significaria que 46 homens de mais de 18 anos estavam ausentes das suas casas em Pembe. É um número considerável, que mostra a dependência dos lares camponeses de Pembe do trabalho nas minas, em especial numa altura de oportunidades reduzidas para o trabalho nas minas.

#### Homens que nunca foram às minas

A Brigada contactou num período de um mês cerca de 500 homens e ao todo encontrou menos de 30 que nunca haviam trabalhado nas minas. Há três grupos de homens que nunca estiveram nas minas. O primeiro compreende os professores primários, o único grupo na área com um vencimento regular e relativamente substancial. Apenas um em oito destas últimos nunca tinha feito trabalho nas minas. Há, em segundo lugar, um pequeno grupo de trabalhadores por conta própria, proprietários de pequenas lojas,

carpinteiros e construtores que nunca foram às minas. Não estão aqui incluídos todos os trabalhadores do mesmo género mas apenas aqueles com emprego seguro na área. Entre os assalariados dois homens nunca haviam cumprido contratos nas minas porque tinham encontrado emprego na Beira e Maputo. Todos estes homens tinham alternativas económicas claras e seguras ao trabalho migratório na África do Sul.

O terceiro grupo, no entanto, não tinha tais alternativas. Trata-se de homens com defeitos físicos. A Brigada encontrou oito em Pembe, cada um dos quais com defeitos tão graves que teriam ficado inaptos sob o ponto de vista médico para o trabalho nas minas, eram os cegos ou os homens que haviam perdido uma perna, e constituíam parte do estrato social mais pobre.

#### Outros tipos de trabalho assalariado

O Quadro 4 fornece as experiências de trabalho fora das minas para todos os chefes de família entrevistados em três células. Em 61 fogos, 27 chefes de família tinham experiência de trabalho assalariado em Moçambique ou no estrangeiro. A variedade de tal trabalho é grande e inclui trabalho agrícola (muitas vezes trabalho forçado ou chibalo) trabalho nos caminhos de ferro, na indústria de construção, em fábricas, em hospitais e no exército português durante o período colonial. Embora a escala deste trabalho migratório - porque uma vez mais os homens tinham de migrar para obter e manter aqueles empregos - não se aproxima da do trabalho nas minas, permite que alguns homens que não podem ir para as minas por razões de saúde ou outras, ganhem dinheiro. Calculando esta quantidade de trabalho assalariado aumenta-se também o tempo médio de vida gasto em trabalho assalariado para 11,2 anos para todos os homens fisicamente aptos para trabalhar. Desta forma, em termos de tempo de trabalho, o outro trabalho migratório observe cerca de dez por cento da proporção dos homens que trabalham fora da economia rural, embora os números do censo de 1975 apresentem o número de 14 por cento para todas as quatro células.

**Quadro 4:** Experiência de trabalho assalariado (nº de anos) fora das minas sul-africanas dos chefes de família entrevistados nas células de Zacanhe, Vavate e Sefane (Pembe).

- Zacanhe:** trabalhador construção civil, Cabora Bassa (1). alfaiate, Pembe (4); pescador Maputo (1); servente, hospital, Beira (1); Chibalo (1 vez); Chibalo (1 vez); Chibalo (1 vez).
- Vavate:** Chibalo (5 vezes); serração (1 vez); lavador de roupa, Homofine (5); tropa (2 anos, + 5 vezes); chibalo (4 vezes); Fábrica Beira (1); Chibalo (1 vez); alfaiate, Pembe (11).
- Sefane:** Chibalo (2, 9, 8, 2, 1, 1, 1, 1, 1, vezes cada pessoa); Apanha cocos (2 vezes); tropa (3); plantação de açúcar A.d.S. (8).

### A influência do trabalho migratório na economia camponesa

Houve um aspecto que ficou bastante claro a partir das entrevistas efectuadas em Pembe:

O salários dos mineiros, antes dos anos '70, não eram só por si suficientes para permitir a compra de bens de consumo caros (como máquinas de costura), para pagar a construção de casas de tijolos e cimento, ou para financiar o início de um processo de acumulação através da aquisição de pequenas lojas ou do negócio de transporte. Só uma boa produção agrícola com excedentes para venda, actividades comerciais ou artesanais, ou direitos e privilégios adquiridos através do sistema político tradicional poderiam possibilitar a compra desses bens.

O inquérito aos agregados familiares rurais demonstra a importância dos proventos do trabalho nas minas para a compra de bens. A maioria das famílias dependem do dinheiro das minas para a compra de bens necessários (camas, outras peças de mobiliário, panelas) e para a aquisição de meios de produção agrícola (charruas, gado, moinhos). Os camponeses médios não dependem somente dos proventos das minas, uma vez que têm outras fontes como a produção agrícola, a actividade de carpintaria, o transporte, serviços como p.e. tratamentos ervanários. Embora no começo da vida da família o dinheiro proveniente do trabalho nas minas seja bastante importante, só em cinco casos (de um total de 29) verificámos a existência de receitas, provenientes do trabalho migratório, de grande importância na economia dos camponeses médios, no passado recente.

Os camponeses pobres estão muito mais dependentes do trabalho migratório. De 29 famílias pobres, cujos chefes podiam trabalhar nas minas, as receitas aí obtidas eram a única fonte de dinheiro em 10 casos e a mais importante em 13 outros casos.

Os indivíduos das famílias pobres que podem trabalhar na Africa do Sul, efectuam mais contratos e contratos com maior duração, mas com o seu dinheiro compram menos bens, particularmente meios de produção agrícola e artesanal (ver a secção sobre a Diferenciação entre os Camponeses). Nas nossas entrevistas encontrámos homens com 30, 26, 20, 18, 16 e 15 contratos, o que representa uma vida passada basicamente no trabalho das minas tendo, no entanto, a família permanecido pobre. Os mais pobres do grupo são os velhos e os que apresentam defeitos físicos. Um dos homens velhos trabalhou 9 contratos e fez trabalho forçado (chibalo) oito vezes. O trabalho nas minas era "sómente por causa da fome da família". Agora, no fim da sua vida, é obrigado a fazer cestos para dar aos vizinhos para que lhe tragam água, pois já não consegue carregar. Alguns destes homens velhos (e mulheres) possuíam charruas no passado, mas foram obrigados a vendê-las devido à falta de dinheiro. Uma maioria afirmou que o dinheiro das minas ajudava a elevar um pouco o nível de vida, mas certamente não o suficiente para os sustentar durante a velhice.

A maioria das viúvas disseram o mesmo, que os seus maridos tinham trabalhado um considerável número de contratos mas só tinham tido o suficiente para viver durante pequenos períodos na própria altura. Outros nunca puderam trabalhar porque eram cegos, tinham as pernas amputadas ou outros defeitos físicos.

Resumindo, os mais pobres são pobres porque não podiam ir para as minas.

## OS TRABALHADORES-MIGRANTES E A AGRICULTURA

### Maimela

Terá o trabalho migratório fomentado ou, pelo contrário, impedido, o desenvolvimento da agricultura camponesa? Estará a economia camponesa estruturada de tal maneira que o trabalho nas minas constitua uma necessidade para a maior parte da população masculina? Foi para encontrar-mos resposta a estas questões que fizemos uma análise pormenorizada dos questionários aos agregados familiares de Maimela, uma das células do círculo de Mucambi.

Antes da Independência, o círculo era dominado por colonos portugueses, proprietários de latifúndios, possuindo dois deles a maior parte da terra fértil de Maimela. Os camponeses eram compelidos a trabalhar nas suas plantações (trabalho forçado) por salários mínimos, tendo ainda que pagar tributo ao chefe. Os proprietários de gado também eram obrigados a lavar as terras dos latifundiários como forma de pagamento do pasto do seu gado. Mencione-se ainda a campanha no sentido de obrigar os camponeses a cultivar algodão.

Na célula vizinha de Buvane, a pressão tornou-se de tal maneira insustentável que parte da população fugiu da área, tendo os homens que ficaram ~~passado a migrar~~ periodicamente para as minas da África do Sul, evitando assim executar um trabalho agrícola mal pago. Em Maimela a situação era semelhante, embora as querelas entre os herdeiros do colono Rocha anteriormente a 1950, e o facto de este possuir aqui uma pequena quantidade de terra tivesse aliviado a pressão, pelo menos até ao ponto de permitir a permanência dos camponeses. Mesmo assim o trabalho nas minas tornou-se a principal actividade dos homens desta célula.

Em discussões de grupo nesta área, a opinião expressa por alguns dos presentes foi que o trabalho nas minas não fora por eles desejado, tendo constituido principalmente uma maneira de evitar o trabalho forçado; quanto aos que tinham partido para as minas, não herdaram muito, particularmente porque os incitavam a gastar a maior parte dos seus salários em bebidas. Por outro lado, a maioria dos homens da área continuou a ir para as minas, mesmo depois de abolido oficialmente o trabalho forçado em 1962 e até após a Independência. Muitos dos que não migraram no último ano sentem-se desempregados, em vez de considerarem como uma boa oportunidade a possibilidade de se estabelecerem na sua terra. Se por um lado foi afirmado que o trabalho migratório constituiu uma reacção à pressão colonial, é contudo evidente que muitos o consideram uma necessidade. Só uma análise pormenorizada da economia camponesa local pode indicar-nos os 'porquê' dessa necessidade.

### O caso de Maimela

Maimela foi escolhida pela brigada de Cambine por ser considerada a área mais pobre, do ponto de vista agrícola, do círculo. Metade da terra é arenosa e pouco fértil, só existindo um pequeno vale de terra ex-calente, irrigada por um pequeno rio. A agravar a situação, um insecto

(mfekifeki) infestou a área arenosa a partir de 1963, destruindo milho, amendoim e feijão. Os dois últimos anos foram de seca e portanto particularmente difíceis.

Em Maimela toda a terra tem dono embora por vezes não esteja a ser utilizada. Deste modo um camponês que se queira estabelecer, tem primeiro que assegurar para si terra suficiente. O problema da infestação pelos Mfekifeki levou alguns agricultores a procurarem terra fora da célula, em áreas não infestadas, tendo mais de metade conseguido obter machambas fora de Maimela.

A maior riqueza dos agricultores de Maimela são as culturas permanentes, especialmente cajueiros e coqueiros que não são atacados pelos mfekifeki destruidores das culturas anuais e são mais resistentes à seca. Um agricultor, para ter uma receita segura, precisa de bom número destas árvores - normalmente mais de cem coqueiros e pelo menos igual número de cajueiros. O gado parece não desempenhar papel predominante na agricultura de Maimela, talvez por a terra ser suficiente para fornecer pasto a muitos animais. A minoria que possui gado utiliza-o sobretudo para lavrar. Das vinte e quatro pessoas entrevistadas em Maimela, sete possuem charrua. Uma vez que a amostra não é representativa, é difícil dizer quantos camponeses possuem de facto charruas, crendo-se que sejam uma minoria. No entanto, quase todos os camponeses utilizam charruas para preparar a terra.

### Constituir uma "farm" em Maimela

#### Obter mulher

Um homem que queira casar tem de pagar lobolo. A maioria dos jovens deve obter esse dinheiro por si e a maneira de o conseguir é ir para as minas. Em resposta à presente campanha, mudou de nome passando a chamar-se 'gratificação', mas os pagamentos continuam a efectuar-se.

#### Obter terra

Os jovens recém-casados permanecem algum tempo com os pais, mas como nenhum agregado familiar inclui filhos de mais de vinte e quatro anos, parece que por essa idade já a maioria dos jovens leva uma existência económica independente. Os camponeses mais velhos obtiveram as suas primeiras parcelas de terra de duas formas: ou os pais decidiram dar-lhe parte da sua terra, ou lhes foi atribuído um lote pelo chefe. Hoje em dia a maioria dos camponeses mais novos, necessitando de mais terra do que a que lhes foi dada pelos pais, pede-a a amigos ou familiares para a cultivar temporária ou permanentemente. Alguns obtiveram terra por intermédio do Grupo Dinamizador aquando da redistribuição das terras dos colonos.

Muito raramente se compra terra e, quando tal acontece, são as culturas permanentes e não a própria terra que são objecto de venda. Foi referido o caso de cinco pessoas que adquiriram terra (com culturas permanentes) por compra. Os camponeses que possuem terras particularmente muito vastas, normalmente herdaram-nas. A herança é mais frequente entre os velhos do que entre os novos. A maioria dos camponeses com mais de cinquenta anos afirmam que herdaram a maior parte da terra, enquanto os mais novos obtiveram a maior parte da sua terra por oferta. Estas dâvidas não são de terra muito fértil, mesmo quando o tamanho é

suficiente. Os oito camponeses de Maimela (do total de vinte e quatro entrevistados) que, não se referiram à seca e aos insectos como grandes problemas tinham todas idades superiores a quarenta anos. Por outro lado os cinco camponeses com idade inferior a quarenta anos tiveram todos eles problemas com a terra por ser seca e infestada de insectos.

Embora não exista uma relação directa entre o trabalho migratório e a posse da terra - uma vez que as pessoas não compram terra - há no entanto ligações indirectas. Em primeiro lugar, a generosidade dos que têm mais terra pode estar relacionada com o facto de que emigram e deixam portanto de cultivar a terra que lhes pertence. Se todos regressassem, a pressão sobre a terra aumentaria. Em segundo lugar, há o facto de os jovens esperarem obter a melhor terra por herança e portanto acharem vantajoso ocuparem-se em trabalho assalariado até herdarem terra desejável.

A partir da Independência o Grupo Dinamizador distribuiu a terra que pertencia ao Rocha. Os dois descendentes deste ficaram com terra muito boa, de 23 ha. e mais de 10 ha. respectivamente. A terra redistribuída parece ter sido concedida de modo bastante arbitrário. Das seis pessoas mais pobres entrevistadas só uma tinha recebido terra do Grupo Dinamizador. Das seis pessoas mais ricas da aldeia uma tinha recebido uma parcela, segundo se disse porque os lotes eram atribuídos em conformidade com o número de mulheres. Das outras seis pessoas que afirmaram ter recebido terra do Grupo Dinamizador, uma detém o nono lugar entre as mais ricas da nossa amostra, outra o décimo-primeiro, situando-se as restantes quatro entre o décimo-quarto e o décimo-sétimo. Camponeses jovens foram atendidos com mais frequência do que os velhos, desde que estivessem presentes na área na altura da distribuição. Duas pessoas queixaram-se de terem sido esquecidas porque estavam a trabalhar fora no momento decisivo. Uma delas conseguiu mais tarde obter uma grande parcela fora da célula, por intermédio de outro Grupo Dinamizador. As pessoas que em tempos tinham alugado terra ao Rocha foram autorizadas a conservá-la, medida que teve o efeito de favorecer os camponeses mais importantes. De um modo geral o Grupo Dinamizador não é considerado instituição eficiente para efeitos de redistribuição da terra. A maior parte das pessoas, quando se lhes perguntava qual a maneira de obter mais terra respondia que o melhor era pedir a quem tivesse demais e pudesse dispensá-la. Alguns acrescentaram que era necessária a aprovação do Grupo Dinamizador depois de se ter chegado a acordo com o proprietário sobre a transferência da terra. Muito poucas pessoas disseram que se podia obter terra dirigindo-se ao Grupo Dinamizador unicamente.

#### Obter culturas permanentes

Um camponês pode arranjar culturas permanentes quer comprando um pedaço de terra com árvores, quer herdando-as ou plantando-as ele próprio. Como a compra é ainda rara e os lotes comprados parecem ser bastante pequenos, a herança e o plantio são os dois principais métodos para adquirir plantações de árvores. Estas plantações levam tempo a fazer-se. Os coqueiros levam sete anos a crescer e nos três primeiros anos as sementes são muito sensíveis ao tempo e as árvores têm de ser replantadas várias vezes. Pode portanto demorar cerca de dez anos até que o camponês comece a obter lucros do seu pedaço da terra. Os cajueiros levam cerca de cinco anos a crescer e também são muito frágeis nos primeiros anos. Por tudo isto, é visível a relação entre a idade

do camponês e a extensão da sua plantação de culturas permanentes. Dos cinco camponeses da nossa amostra com menos de quarenta anos nenhum tinha mais de setenta coqueiros e oitenta cajueiros, muitos dos quais ainda pequenos. Um sexto homem que disse ter só trinta e três anos e que tinha mais de cento e sessenta árvores de cada tipo, é de facto mais velho uma vez que começou a trabalhar há cerca de vinte e dois anos. A sua verdadeira idade deve pois andar à volta dos quarenta anos. Dos dezanove camponeses com mais de quarenta anos só quatro disseram ter menos de cem coqueiros e só um menos de cem cajueiros. Quatro pessoas não indicaram nenhum quantitativo.

A relação com o trabalho migratório, é, mais uma vez, indirecta. Uma pessoa não é obrigada a ir para as minas para adquirir um pedaço de terra com culturas permanentes, mas leva tempo a adquiri-lo; e deve ser difícil para os jovens viver sem a receita regular que as culturas permanentes fornecem, preferindo pois tentar ganhar dinheiro nas minas entretanto.

#### Obter uma charrua

Sete camponeses, no total da amostra, possuem charruas. Dois deles parece terem comprado as charruas com dinheiro ganho nas minas e um na agricultura. Quanto aos outros não temos informação sobre o modo como as obtiveram. Os que não têm charrua quase sempre usam as dos outros. Alguns pedem emprestada uma charrua a membros da família, livre de encargos. Outros praticam um sistema de ajuda mútua com os proprietários de charruas: quem tem charrua e uma ou várias famílias que a não têm trabalham em conjunto os campos pertencentes aos componentes do grupo. Nalguns casos tal divisão beneficia igualmente todos os participantes e podemos dizer que isto é particularmente verdade quando um contribui com os bois e outro com a charrua. Há também verdadeira partilha quando as mulheres dos mineiros ausentes se juntam para se ajudarem mutuamente nos trabalhos pesados. Noutros casos a pretensa ajuda mútua constitui uma forma camuflada de exploração, como quando a machamba de proprietário da charrua é maior do que as dos outros participantes ou quando é lavrada em altura mais apropriada do que as outras. Dos que, na amostra, usaram gratuitamente a charrua, um era o segundo homem mais rico dos entrevistados e quatro encontravam-se entre os mais pobres. A maioria dos que não possuem charruas alugou-as efectuando um pagamento. Estão incluídos em proporção mais ou menos igual, camponeses ricos, médios e pobres.

A prática do aluguer das charruas pode estar associada ao trabalho migratório de duas formas:

1. os salários ganhos nas minas podem possibilitar aos camponeses pobres alugar charruas;
2. a ausência do marido pode requerer, mesmo em famílias com pouca terra, que se alugue uma charrua de forma a ter a terra preparada na devida altura. Pelo menos houve um homem que afirmou que sua mulher tinha alugado uma charrua enquanto ele esteve fora, mas desde o seu regresso não usava charrua.

#### Necessidade de trabalho assalariado

As considerações feitas acima sugerem que os mais jovens têm geralmente mais necessidade de receber dinheiro fora de Maimela do que os

mais velhos. Por falta de um exacto censo da população da área esta afirmação não pode ser verificada. A maioria dos que estão incluídos na amostra são pessoas que só deixaram de ir para as minas em 1976, altura em que não lhes foi possível lá voltar. Dos cinco chefes de família incluídos na amostra com menos de quarenta anos de idade, dois trabalharam até 1976, dois até 1977 e só um continua ainda a trabalhar fora. Dos cinco chefes de família entre os quarenta e os cinquenta anos, dois tiveram o seu último contrato em 1976, um em 1977, um encontra-se ainda a trabalhar e o outro deixou o serviço em 1962. Dos onze chefes de família com idades entre os cinquenta e os sessenta anos, duas eram viúvas, três tinham realizado o último contrato em 1976, um em 1977 e cinco deixaram de trabalhar nas minas antes de 1976: em 1947, 1966, 1969, 1973 e 1974. Os três chefes de família com mais de sessenta anos já se retiraram todos, um em 1950, outro em 1959 e outro em 1961. Se este padrão indica de algum modo tendências gerais, podemos concluir que os homens não começam a deixar o trabalho assalariado, caso este exista, antes dos cinquenta anos.

Das nove pessoas que desde 1974 não se ocupam em trabalho assalariado, duas foram consideradas camponeses ricos. Ambos deixaram de recorrer ao trabalho assalariado há muito tempo (1947, 1950). Um deles, herdeiro do colono, nunca foi para as minas mas trabalhou como carpinteiro e estabeleceu-se logo que herdou 43 ha. de terra. O outro também herdou um bom bocado de terra há bastante tempo e só foi para as minas durante um pequeno período, provavelmente para evitar o trabalho forçado. Nenhum dele tinha verdadeira necessidade de salários. Quatro dos camponeses que deixaram de trabalhar nas minas foram classificados como bastante prósperos e ocupam o sétimo, oitavo, nono e décimo lugares na classificação económica da amostra. Destes, um fez trabalho assalariado apenas durante um período de tempo muito curto por lhe ser possível ganhar mais como curandeiro. A razão porque deixaram de ir trabalhar nas minas os outros três é bastante menos clara. Só um deles constitui o caso clássico do homem que usou os salários ganhos nas minas para constituir uma empresa bem montada, adquirindo primeiro terra, depois charrua e novamente mais terra. Os restantes parecem ter adquirido a sua riqueza mais por um misto de heranças e esforço próprio bem sucedido. Três dos camponeses que se retiraram são pobres ou muito pobres. Deixaram de trabalhar involuntariamente: um por ter uma perna aleijada, o outro porque "sofre do peito", tendo o terceiro deixado a África do Sul à pressa e com más recordações que não quis referir em pormenor.

O que se pode concluir é que alguns dos camponeses mais velhos deixaram o trabalho assalariado porque tinham alcançado o seu objectivo enquanto outros o deixaram porque não necessitavam verdadeiramente dos salários, ou porque (mais frequentemente) já não eram fisicamente capazes de prosseguir. Os que ainda anseiam por continuar o trabalho assalariado pertencem a grupos diferentes. Notemos, em primeiro lugar, alguns camponeses ricos com empregos muito bem pagos como os dois camponeses ricos da nossa amostra que trabalharam como 'boss boy' e 'bus driver'. Estes camponeses não "necessitam" de um emprego assalariado mas continuam com o trabalho assalariado e vão constituindo a sua machamba até se sentirem dispostos a deixar de trabalhar. Na nossa amostra havia apenas um camponês médio a trabalhar (ou que trabalhou nos últimos dois anos) e era ainda bastante novo. Há em terceiro lugar o grupo dos camponeses, uns novos e outros velhos, que continuam a trabalhar a troco de salários por não terem encontrado outra alternativa.

## O TRABALHO MIGRATÓRIO E A ECONOMIA CAMPONESA

### Homofne

O texto que se segue, extraído do relatório da brigada de Homofne, é uma tentativa de explicação de porque é que quase todos os homens adultos são compelidos a cumprirem nas minas pelo menos quatro ou seis contratos. Existe uma diferenciação significativa quanto ao número de contratos efectuados nas minas por diferentes estratos do campesinato. Mas o que é comum a quase todos os camponeses é que quando jovens trabalharam nas minas da África do Sul.

Parece que devemos procurar a explicação desta situação no processo de desintegração sofrida pela sociedade tradicional devido à penetração do sistema de economia monetária, em consequência do colonialismo.

No seio da família tradicional os jovens costumavam manter-se, mesmo depois de adultos na vizinhança da casa do pai e dos tios. Era através do lobolo pago pelo casamento das filhas que as famílias asseguravam os meios necessários aos arranjos matrimoniais dos filhos. A penetração colonial foi provocando gradualmente uma nuclearização da família, que a partir dos anos '40 se reforçou consideravelmente. Os filhos começaram a viver independentemente em relação aos pais e a responsabilidade pela sobrevivência familiar tornou-se muito mais individualizada.

Há um conjunto de factores que se observou em relação à área de Homofne e que podem explicar esta evolução:

1. A introdução do imposto per capita relativamente a cada homem adulto (mais de 18 anos) e mais tarde a introdução do trabalho forçado (também abrangendo adultos masculinos) e das culturas obrigatórias (entre 1942 e 1962) aumentaram gradualmente a responsabilidade que incidia sobre a família nuclear de garantir a sobrevivência do agregado. A necessidade crescente de aquisição de bens de consumo de que as famílias se haviam tornado extremamente dependentes aumentou a necessidade de receitas em dinheiro.
2. A apropriação das melhores terras por parte dos colonos provocou uma certa escassez de terra e impedia a persistência do sistema de família alargada.
3. O lobolo passou a ser pago em dinheiro e devido à dependência cada vez maior da família relativamente ao dinheiro, os pais tornaram-se relutantes em manter o valor obtido do lobolo das filhas para garantir o casamento dos filhos. A responsabilidade pela instalação da nova família passa a caber principalmente ao jovem adulto em idade de se casar.
4. O homem que tem de trabalhar nas minas ou na cidade para pagar o lobolo e se estabelecer diminui as suas obrigações familiares e a experiência de trabalho individual torna-o mais independente da hierarquia familiar. Como um informador nos fez notar: "os confli-

tos entre pai e filho, irmãos, etc, surgiriam com a migração para o John".

5. Para se estabelecer como agricultor o homem necessita de se casar, Não se conhecem casos de homens novos solteiros a trabalhar uma machamba por sua conta. Ou trabalha na machamba do pai se é solteiro ou então - depois de casado - trabalha a sua própria machamba. Como tivemos ocasião de observar na seção sobre a penetração da economia monetária a divisão de trabalho no sistema familiar tradicional estabeleceu-se entre as mulheres, a quem cabe a maior parte do trabalho agrícola, e os homens que se dedicavam primeiro à caça e mais tarde ao trabalho nas minas como forma de obter receitas. Isto talvez explique a suspeita que se verifica relativamente a homens que estejam a viver e a trabalhar sozinhos: "É um ladrão de mulheres", etc. O jovem vê-se assim compelido, se quiser organizar família e instalar-se na agricultura, a arranjar o dinheiro necessário para o pagamento do lobolo, fora da agricultura - ou seja - nas minas.

Uma vez arranjada e lobolada a mulher, os problemas da nova família não estão ainda resolvidos: É extremamente difícil a um casal recentemente estabelecido organizar-se em termos de conseguir os meios para uma vida doméstica padrão (aquisição de louças, roupas, mobílias, construção de palhotas muitas vezes com chão de cimento, etc.), a partir do trabalho no campo e dentro de um período razoável. Recentemente começou (mais ou menos de há 3 anos para cá) a espalhar-se a construção de casas de alvenaria. Cerca de 20% a 30% das famílias da área têm casas de alvenaria ou estão a construí-las. A casa de alvenaria constitui hoje uma ambição de muitas famílias. A partir de 1975 verificou-se casos de agricultores que - depois de um intervalo de vários anos - voltaram às minas para conseguir arranjar o dinheiro necessário para a construção de casas. Só se conhecem dois casos, na área, de camponeses que conseguissem construir casas de alvenaria com economias feitas na agricultura. Um deles ganhou o dinheiro no começo dos anos '60 cultivando amendoim. O outro levou 20 anos a construir a casa.

Os casos em que as charruas e o gado bovino não foram comprados com o dinheiro da África do Sul são muito raros. Por outro lado, para se ser um agricultor e poder viver da agricultura em Homoine, uma das condições parece ser ter gado e charrua. Moinhos, máquinas de costura, ferramentos foram também muitas vezes comprados com o dinheiro das minas. Todos estes meios de produção começam a surgir na área desde os anos '40 e '50 e parecem ser importantes a partir dos anos '60. A geração nova actual vai ser a primeira que já pode começar a herdar os meios de produção existentes.

Relativamente ao meio de produção terra, só os coqueiros e cajueiros são vendidos e comprados. Depois da independência há casos de compra de cajueiros e coqueiros por homens novos regressados das minas (ver também as considerações sobre a falta relativa de terra no relatório sobre a agricultura).

Dos 27 camponeses de Meu e Muchava classificados como 'médios', quer dizer como camponeses que talvez possam viver potencialmente da agricultura, adquiriram:

Bens que possuem	com dinheiro da África do Sul		
	tudo	em parte	pouco ou nada
- charruas e/ou bois e casa de alvenaria com/ou casa construída em parte com cimento	5	8	—
- só casa de alvenaria e outros bens duráveis	3	—	—
- só charrua e/ou gado	—	4	1 (trabalhava na Beira)
- outros bens duráveis (móveis, louça, roupa, etc.)	2	1	2 (artessãos)
	—	—	—
	10	13	3

Dos camponeses classificados como 'pobres' (31), com excepção de 4 todos foram à África do Sul e na maioria dos casos o pouco que adquiriram era pago com dinheiro proveniente da África do Sul.

Em resumo podemos dizer que além das diversas razões que conduziam a um sistema económico agrário dependente do trabalho migratório, mecanismos especiais criavam um problema adicional da juventude que deve ser considerado: as contradições que existem num período de transição de um sistema de produção de família alargada a um sistema de produção de família nuclear. A solução consistiria em desenvolver uma política de juventude que permita criar uma alternativa económica dentro da agricultura ao trabalho migratório nas minas (ou à migração para os centros urbanos) que, ao mesmo tempo, evite o regresso a hábitos familiares tradicionais.

UM ESTUDO SOBRE A FALTA DE ÁGUASitila

A influência notável do trabalho migratório no ciclo de vida dos camponeses que podemos constatar em Pembe, Cambine e Homoine é ainda mais marcante no caso de Sitila.

Dos 25 inquéritos agrícolas efectuados na área, só 6 indicaram uma produção de géneros alimentares sempre suficiente, 17 indicaram uma produção de alimentos satisfatória apenas nos bons anos, quer dizer anos com bastante chuva. Em dois casos a produção agrícola foi considerada sempre insatisfatória.

A baixa produção agrícola nunca é atribuída à falta de terra. Há bastante terreno. Dos 15 agregados familiares onde foi possível estabelecer a área das machambas, 8 têm mais de 5 hectares. As respostas foram unânimes no que se refere ao processo a seguir no caso de falta de terra: desbravar o mato.

Um indicador da insuficiência da produção agrícola e da dependência em relação ao salário pode retirar-se da avaliação do nível de custo de vida para uma família rural, de dimensão média, elaborada por um grupo de trabalho em 1973. Enquanto que no caso de Massinga, Inharrime e Homoine esse nível é estabelecido entre 800\$00 e 1.000\$00 mensais, o montante para Sitila era avaliado em 2.700\$00. A maior parte na distribuição desta soma cabia à alimentação (1.500\$00).

O problema fundamental de Sitila centra-se na falta de água. Em todas as entrevistas se notou a preocupação relativamente a este problema. Os furos de água que funcionavam no período colonial, porque muito profundos, trazem água salgada de pouco préstimo para a agricultura (de notar que mesmo esses furos se encontram actualmente avariados).

A gravidade de que se reveste o problema da água surge se tivermos presente que as pessoas de área se têm de deslocar a distâncias superiores a 20 km. (caso da célula de Ngomani). Isto significa em termos práticos que as mulheres permanecem grande parte da sua vida diária afastadas do agregado familiar a percorrer as distâncias necessárias para acarretar a água. O preço de um tambor de 20 l. de água potável em anos secos chega a atingir, mesmo nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro, 100\$00 o que dá aos proprietários de viaturas a possibilidade de efectuar um comércio bastante lucrativo.

A falta de água impede a criação de gado. O gado é raro e caro (1975 - 1 cabeça de gado: 5 contos/1977 - 1 cabeça de gado: 7 contos).

Podemos estabelecer um circuito entre a falta de água, o ciclo de produção agrícola e a necessidade de arranjar dinheiro. Os homens vão trabalhar nas minas para compensar a insuficiência da produção agrícola, mas também para assegurar uma melhoria de resultados no sector agrícola, para garantir uma produção contínua. Assim o excedente de

dinheiro - sempre que existe - é investido em cisternas e poços (um poço pequeno - 1,5/2m. de raio - custa 5 a 7 contos). Dos 25 agregados inquiridos 18 têm cisternas e/ou poços.

Tomando em conta as dificuldades climáticas e as limitações de produção agrícola compreende-se a importância de que se reveste para os homens, a imigração para a África do Sul ou outros locais de trabalho (p.e. Caminho de Ferro, Cabora Bassa). Compreende-se também que as populações considerem o fluxo para as minas como motivo de progresso e a sua paragem como retrocesso. Eis uma passagem bastante esclarecedora e que nos foi transmitida numa reunião da O.M.M.: "Quando era pequena não sabia para que serviam os embondeiros. Mas via a minha mãe e o meu pai abrirem buracos no topo dos embondeiros. Quando chovia havia muita alegria em casa e os meus pais e irmãos mais velhos saíam para o mato com recipientes e latas para a água. Demoravam-se lá fora muito tempo. Nós ficávamos em casa à espera. Depois, por vezes dias depois, a família regressava com as latas cheias de água. E durante algum tempo não tínhamos problemas quanto a água porque, como depois descobri, os embondeiros conservavam a água durante algum tempo.

Quando me casei estava aberto o caminho para a África do Sul e o meu marido foi aí muitas vezes. Com o dinheiro que ele trazia conseguimos arranjar uma cisterna muito grande e nunca mais precisei de ir acarretar água a lugares distantes ou a ter que abrir buracos no embondeiros. Passei a estar mais tempo em casa e a ter água todo o ano. Se proibem os nossos homens de ir às minas, a nossa vida vai andar para trás e teremos de voltar aos tempos dos pais dos nossos pais" (reunião no dia 16 de Julho de 1977, Sitila).

Nos 25 inquéritos agrícolas efectuados, 21 tinham experiência de trabalho nas minas e 1 tinha emprego em Moçambique, fora da Sitila (Caminho de Ferro). Em 9 casos há actualmente alguém da família - irmãos, filho - a trabalhar nas minas. Nove dos chefes de família presentes em Sitila têm rendimentos em dinheiro como condutores, pedreiros, carpinteiros, biscateiros de bicicleta, bate chapas e alfaiates.

Isto leva a dimensionar a dependência de Sitila relativamente ao dinheiro das minas. Uma parte do dinheiro dos mineiros foi utilizado para consumo produtivo, quer dizer para a construção de poços, cisternas, camiões e carros, e para a compra de bens de consumo duráveis (casas, móveis, etc.).

Tudo isso possibilitava (e possibilitará ainda) a criação de uma série de postos de trabalho local como pedreiros, carpinteiros, condutores, etc. Um pedreiro, p.e. ganhava na construção de um poço pequeno 1.200\$00. O rendimento destas pessoas depende quase exclusivamente da entrada do dinheiro dos mineiros (máximo do dinheiro ganho).

Em suma podemos afirmar que Sitila é uma área onde a população masculina está ligada de forma clara ao trabalho assalariado (e ao trabalho com receitas em dinheiro), a sua participação na agricultura é insignificante. O dinheiro vem das minas e neste momento os efeitos da paralização da saída de trabalhadores ainda se não fizeram sentir em toda a extensão uma vez que diversos agregados familiares estão ainda a trabalhar na África do Sul mandando regularmente o dinheiro para as famílias. No comércio as compras são efectuadas a

dinheiro. Um indicador da integração avançada desta região na economia monetária, mesmo no período colonial, é o preço extraordinariamente elevado do lobolo: entre 1 e 2 contos.

Vê-se assim como a diferenciação social em Sitila está relacionada antes de mais com o nível de salários auferidos, sobretudo nas minas. A diferenciação social local era originada na diferenciação salarial nas minas. Especialmente nos anos '70 começou a fazer-se notar uma diferenciação muito clara entre os agregados familiares cujos chefes ocupavam cargos de 'boss boy', induna e os restantes.

No futuro, as possibilidades de Sitila passam pela necessidade de se efectuar um estudo racional das possibilidades agrícolas da zona. Sabe-se por exemplo que havia planos coloniais para o aproveitamento de toda a área para a cultura de algodão. Assim no Sul do ex-regulado de Unguane a que pertencia Sitila existia uma delegação do Instituto de Algodão, que, herdeira das instalações da "Algodeira do Sul do Save Ltd," aí mantinha um parque de máquinas agrícolas para alugar aos produtores, apoiava tecnicamente a produção e incentiava a criação de ordenamentos (tipo de povoamento com características de fixação espontânea em que o agricultor participava activamente na sua instalação). No entanto a interferência das autoridades administrativas locais e dos chefes indígenas 'mostrando' às populações "por processos que reconhecessem convenientes" (art. 13 do Decreto 11994, 28.7.1926) tornaram sempre a cultura de algodão pouco popular. Hoje a cultura do algodão é inexistente e só uma campanha de esclarecimento correcta poderá levar à alteração da situação. Não só uma campanha de esclarecimento mas também a criação das condições mínimas de apoio por parte da Província (a montagem de uma estrutura de transporte que vá buscar o produto; a distribuição em tempo de sementes; o fornecimento de alfaias, etc.).

DEZASSEIS AGREGADOS FAMILIARES RURAISA. Agregados familiares de camponeses médiosEx-mineiro/camponês médio

Agregado familiar: chefe de família com 52 anos de idade, 2 mulheres, um filho adulto, dois filhos a estudar e três crianças de menos de 10 anos.

Timóteo trabalhou como rendeiro/trabalhador até 1974 para o proprietário António Ribeiro. Permitiam-lhe viver nesta terra em troca de trabalho gratuito, o qual era registado em cartões. Em contrapartida concediam-lhe protecção contra o Chibalo. Timóteo era obrigado a pagar um tributo em dinheiro e em espécie após cada colheita. Independentemente das quantidades colhidas, tinha a pagar 40\$00 pelo algodão produzido, e, pelo uso de uma parcela de terreno de machongo de 80 m<sup>2</sup>. para cultivo de arroz tinha a dar ao proprietário 2 latas de arroz.

Em 1954 foi levado para o chibalo por falta de cumprimento das condições de ocupação da terra. Regressou a casa 2 meses depois quando o Cabo interveio a seu favor.

Timóteo trabalhou também como mineiro e teve 5 contratos entre 1944 e 1969. A impressão de Timóteo era que a ida para as minas era contrária aos termos da sua ocupação da terra do latifundiário, mas que este não tomou medidas porque ele tinha pago em dinheiro o uso da terra. Timóteo é de opinião que o sistema de rendeiro-trabalhador era um sistema corrupto.

Com os salários auferidos nas minas, comprou bois, uma charrua e uma máquina de costura. Espera que os lucros da venda das colheitas lhe permitirão um dia construir uma casa de alvenaria. Propriedade - 9,5 ha. de terra nhaca na qual cultiva algodão, batatas, e alhos para venda e milho, feijão, mandioca e amendoim para consumo doméstico. Tem também uma terra de machongo onde produz arroz, batata-doce e vegetais. Não parece haver escassez de terra nhaca.

Família de um camponês médio/Mineiro

Agregado familiar: Chefe de família de 42 anos de idade, esposa e três crianças pequenas, uma das quais de uma segunda mulher que o abandonou.

António, de 42 anos, teve 4 contratos nas minas entre 1953 e 1976. Durante este período trabalhou também 5 anos na Maxixe na construção de estradas e 4 anos como alfaiate numa loja de Homoine. A primeira vez que foi para as minas foi em 1953, com 18 anos. Afirma que nunca foi

levado para o Chibalo por ser futebolista. Durante os 4 contratos nas minas o futebol salvou-o mais uma vez: jogava numa equipa da mina e trabalhava apenas 4 dias por semana; no resto do tempo era dispensado para poder jogar contra os grupos de lugares distantes, tais como Johannesburg. Trabalhava na mina de ouro de Sheba no Transvaal Oriental para a qual foi recrutado pela Atas, visto esta mina não estar filiada na Chamber of Mines.

António afirma estar tão interessado no trabalho das minas como no da machamba se bem que pense que o trabalho das minas não lhe trouxe verdadeiramente qualquer benefício material: "Não tenho nada para mostrar dos anos em que estive nas minas". Trabalha uma área de terreno bastante extensa: 4 hectares de solo vermelho e 4 de nhaca. Tinha também um hectare de machongo mas afirmou tê-lo perdido durante uma das suas ausências nas minas. António, que é membro de G.D., propõe-se levar esta questão ao "tribunal popular" para deliberação e julgamento, estando certo de que a sua terra de machongo lhe será devolvida, "porque todos sabem que ela foi sempre minha".

Tem 50 cajueiros e cerca de 30 coqueiros mas afirma não saber qual a quantidade de castanhas que a sua mulher vendeu na sua ausência, durante o último contrato em 1976. Deste contrato trouxe 3.500\$00 em dinheiro e 50 contos em Pagamento Diferido.

O 'bonus certificate' expirou, devido a problemas familiares: a deserção da segunda mulher que o impediu de regressar às minas dentro do período legal de 8 meses. Se houvesse possibilidade de fazer novo contrato aceita-la-ia sem sombra de dúvida, disse o António.

#### Família de camponês médio

**Agregado familiar:** Marido e mulher, ambos com cerca de 60 anos, 2 filhos, adolescentes, frequentando a escola, 3 crianças de idade inferior a 10 anos, uma das quais cuida dos animais.

**Ausentes:** 2 filhos a trabalhar no Maputo, um nos serviços de Veterinária e o outro numa plantação de citrinos; a mãe do chefe de família.

Alfeu teve 6 contratos nas minas, sendo o último em 1959. Durante esse período da sua vida trabalhou também uma vez no chibalo nos caminhos de ferro. Com o salário das minas pagou o lobolo e estabeleceu-se então a cultivar 3 machambas, pelas quais pagou 10 escudos ao cabo e o tributo anual costumeiro; nelas cultivava milho, amendoim, batata doce e abóboras. Em 1976 adquiriu mais 2 machambas, ambas de machongo, uma das quais a duas horas de caminho atribuída pelo G.D. dum célula vizinha. Possui 10 cajueiros e menos de uma dúzia de coqueiros, além de alguns citrinos. As suas principais vendas são de castanhas de cajó. Na última colheita vendeu apenas 3 sacos em 3 células diferentes (num total de 870\$00) mas em tempos passados, com melhores colheitas, comprou os primeiros bois em 1962 e uma charrua. Tem agora 2 bois, 5 vacas, 2 burros e 10 galinhas. Tem criado o maior parte do seu gado. A produção agrícola diminuiu nos últimos tempos, devido não só à falta de chuvas mas também ao insecto mafekifekei. Ainda tem castanhas para vender, mas não colhe nenhum excedente do machongo. Aluga os seus bois e a charrua. Paga sempre os seus impostos e nunca teve falta de alimentação.

Os dois filhos adultos trabalham na Província do Maputo. O mais velho perdeu um olho num acidente e com o dinheiro da indemnização o pai arranhou-lhe o casamento. Este filho trabalha fora há 3 anos. O mais novo teve um contrato nas minas em 1974, empregando-se depois numa machamba de citrinos na província do Maputo.

Família de um mineiro camponês médio, ausente

Agregado familiar de 3 membros

Presentes : a mulher e um sobrinho de 10 anos.

Ausente : trabalhando nas minas, o chefe da família de 58 anos de idade.

Ernesto de 58 anos, está a trabalhar nas minas, cumprindo o seu 18º contrato. Foi contratado pela primeira vez para trabalhar nas minas em 1920 quando tinha 21 anos. Actualmente é 'boss-boy'. A sua mulher é 14 anos mais nova do que ele e trabalha a terra durante as suas ausências na África do Sul. Não têm filhos mas têm a seu cargo um sobrinho de 10 anos que anda na escola.

A família começou a trabalhar esta terra em 1964; anteriormente tinham vivido em terra da Missão. Têm uma boa terra de machongo e o suficiente para deixar alguma terra em pousio por períodos de vários anos. Cultivam milho, amendoim e mandioca, produzem o suficiente para comer e um excedente da mandioca e citrinos que vendem. Têm 150 coqueiros e 160 cajueiros e na última colheita venderam castanhas de cajô no valor de 1.300\$00.

Não possuem meios de produção, mas alugam charrua e bois durante várias semanas do ano, tendo da última vez pago 600\$00. Quando Ernesto está ausente, os vizinhos ajudam no trabalho da terra. Embora não diga à mulher quanto ganha, Ernesto tem a preocupação de lhe enviar dinheiro. A casa redonda de cimento coberta a colmo onde a família vive, foi construída com o dinheiro de contratos anteriores. A casa tem uma divisão para dormir e comer e está mobilada simplesmente com cadeiras, mesa e armário. Durante o presente contrato Ernesto enviou à sua mulher, por duas vezes 3.000\$00 de cada vez. Desta soma ela comprou cimento e contratou um homem para fazer blocos para a nova casa agora em construção. Tencionam comprar gado depois. O marido enviou 24.000\$00 por um amigo que regressou a casa, mas a mulher ainda não recebeu essa quantia. O marido pensa em acabar com o trabalho nas minas, mas tem continuado na esperança de que lhe seja atribuído o Prémio por Serviços Prolongados.

Mineiro de muitos contratos/camponês médio

Agregado familiar: Mulher de 41 anos de idade, filho de dez e uma 'futura mulher'

Alexandre teve 14 contratos na África do Sul na maioria de 16 meses ou mais. Deste modo esteve quase permanentemente ausente desde o 1º contrato em 1947. Fez também trabalho forçado no Maputo por 3 vezes,

recebendo 100\$00 por mês.

Tem 2 casas de cimento e um grande celeiro. Com o dinheiro das minas comprou um rádio, uma máquina de costura e um relógio. Durante o último contrato enviou para casa 14.000\$00 e recebeu 18.000\$00 em pagamento diferido. Aprendeu na África do Sul a profissão de alfaiate, mas ainda não começou a dedicar-se ao ofício.

Esta família tem 4 machambas em que usa o sistema de rotação de culturas. Este ano tem sido tão mau que não produziram o suficiente para se alimentar e dispenderam algum dinheiro na compra de produtos de primeira necessidade. Normalmente venderiam 2 sacos de milho e 20 de amendoim. Possuem 400 cajueiros e 150 coqueiros. Têm também um burro, 5 cabras, 1 porco e 8 galinhas. Pagaram 800\$00 no ano passado para terem a sua terra lavrada.

#### Camponês médio/cantineiro

Agregado familiar: Mulher e 7 pessoas dependentes (filhos e primos)

Alemão é cantineiro nesta célula. A loja foi aberta, primeiramente, pelo latifundiário na sua propriedade. Alemão tomou conta dela em 1975. Depois disso foi nacionalizada e ele paga uma renda mensal de 2.000\$00. Trabalhou durante 10 anos para o latifundiário no seu negócio na Maxixe, tendo estado antes disso 3 anos no exército e outros tantos na polícia. Foi o primeiro africano a ser encarregado de um negócio na Maxixe.

Casou em 1966 e adquiriu o terreno que agora circunda a sua casa por um preço fictício (10\$00); a terra era nessa altura de fácil obter, porque muito gente fugia da região de 'trabalho obrigatório'. Considera a terra insuficiente para as necessidades da família, não obstante ter 200 cajueiros, 150 coqueiros, alguns citrinos, papaieiras, bananeiras e mangueiras. Este ano produziu 10 sacos de milho, 7 de mandioca, 17 de amendoim e alguns outros vegetais. As secas e doenças reduziram a produção que na sua maior parte foi reservada ao consumo caseiro. Obteve 2.700\$00 da venda de milho e mandioca.

Tem também galinhas, 3 cabras, patos e um porco. Possui um carro com o qual sofreu um acidente grave e tem agora a pagar 2.000\$00 por mês de indemnização, sem o que o carro lhe seria confiscado.

A esposa e 2 empregados assalariados ajudam-no na loja. Presentemente os lucros das vendas cobrem os salários, a venda e o custo de novas mercadorias. Contudo, recebeu agora uma licença que lhe permitirá vender uma maior variedade de produtos - ovos, açúcar, arroz. Só os lucros destes produtos trarão cerca de 3.500\$00 por mês.

Construiu a sua casa de alvenaria de 5 divisões, descontando mensalmente nos seus salários para cimento, madeira e outros materiais. A casa tem em separado uma sala de jantar e uma casa-de-banho, bem como uma barraca para cozinhar e armazenar produtos.

Alemão foi secretário do G.D. da célula. Segundo os membros do G.D. do círculo realizou um bom trabalho, tendo a mobilização diminuído desde que deixou o G.D. É sem dúvida um dos camponeses mais abastados da área.

O seu futuro depende da cantina que a Administração pode vir a converter em cooperativa de consumo.

Artesão/camponês médio

Agregado familiar: 2 mulheres e uma criança de 2 anos de idade.

Hilário teve 8 contratos nas minas mas passou os últimos 25 anos quase sempre fora. O seu primeiro contrato foi em 1951 e completou 8 contratos nos 12 anos seguintes. Depois de regressar da África do Sul com uma máquina de costura, comprada com o salário das minas, começou a trabalhar como alfaiate numa cantina do distrito de Morrumbene. Aí trabalhou durante 11 anos e só este ano regressou definitivamente à terra. Está a construir uma casa de alvenaria. Actualmente tem uma casa de cimento, 2 palhotas e 2 celeiros. Comprou materiais para fazer um tanque de água. O dinheiro da África do Sul foi também utilizado na compra de um rádio, um gira-discos, 2 relógios, um moinho e uma charrua. Esta é alugada por 100\$00 de cada vez.

Enquanto esteve na África do Sul mandou 7.000\$00, roupas e alimentação para a família. Cobra cerca de 100\$00 por cada peça de roupa que confecciona. A família tem um burro, patos e galinhas e 7 porcos que se encontram ao cuidado das mulheres.

Hilário herdou a machamba do pai há 20 anos e cultivam-na as 2 mulheres. Na última colheita venderam 2 sacos de farinha de mandioca por 600\$00 e trocaram 3 latas de mafurra por 9 kgs. de sal. Nos bons anos agrícolas ganhavam 4.500\$00 com a venda de amendoim, mas este ano a produção foi baixa e apenas suficiente para consumo da casa. Têm também 150 cajueiros que produziram 9 latas de castanhas, tudo para consumo doméstico, 40 coqueiros foram também usados para alimentar a família. 8 pequenos citrinos ainda não se encontram a produzir.

Família de camponês médio/ex-carpinteiro

Agregado familiar: Chefe de família de 72 anos de idade, esposa 67 e uma filha casada com três filhos pequenos.

Ausentes: Uma filha casada que trabalha como enfermeira e está a pagar as despesas com a construção de uma nova casa de alvenaria para os pais.

Ernesto teve 6 contratos na África do Sul entre 1928 e 1936. Com o salário das minas comprou 3 cabeças de gado e ferramentas de carpintaria e depois do último contrato dedicou-se ao trabalho de sua machamba e carpintaria. Comprou uma charrua e construiu a sua primeira casa de tijolos com os rendimentos auferidos com aquelas duas actividades. Tem 3 ha. de terreno, sendo 1 ha. de solo vermelho, outro ha. arenoso e o terceiro de machongo. Tem 400 cajueiros, 500 coqueiros e 40 tangerineiros.

Em 1974 vendeu 12 sacos de castanhas de 8 de arroz. A colheita de 1976 produzia 11 sacos de algodão e 12 sacos de coco. Colheitas anteriores foram ainda melhores, como por exemplo a de 1964 em que produziu e vendeu 60 sacos de amendoim. Possui uma charrua e utiliza-a para trabalhar nos campos de outras pessoas; tem também 3 bois, 3 vacas, 2 burros, coelhos, perus e patos. Os burros são utilizados para tirar água do rio e levá-la até as machambas.

Ernesto abandonou o trabalho de carpintaria há alguns anos porque as mãos se lhe tornaram trêmulas. Continua a orgulhar-se dos seus sucessos como agricultor e interessasse grandemente pela agricultura

do distrito. Não concorda com a maneira como tem sido reorganizado o trabalho em Homoine. Considera um erro impedir ou desencorajar as pessoas de usar a "matsima" pois a considera uma forma de organização de trabalho melhor do que a que está agora a ser introduzida. É de opinião que sem o uso da 'matsima' a produção diminuirá substancialmente. Isto porque os que "realmente conhecem algo de agricultura" dependeram sempre da 'matsima'. Afirma que estes agricultores têm sido atacados, ; dizendo-se que foram favorecidos pelos administradores coloniais: "Dizem que somos pessoas de mentalidade colonial que aceitaram métodos de produção capitalistas" - dizia ele. Dizem aos outros para rejeitar os nossos métodos e ideias. Dizem que dantes não se produziu alimentação suficiente porque eram explorados e porque trabalhavam individualmente e que só o trabalho de grupos em machambas colectivas assegurará produção alimentar bastante no futuro. Agora trabalhamos em grupo, mas muitas pessoas não aparecem. Proibem-nos alugar tractores, como alguns faziam dantes. Só as aldeias comunais e cooperativas podem alugar tractores". É evidente que Ernesto exprime ideias comuns a outros camponeses a mesma posição sócio-económica. Ele gostaria não só de poder alugar um tractor, mas até de o comprar, ainda que mais tarde tenha afirmado que não tinha dinheiro suficiente para essa aquisição. Provavelmente subestimou a extensão das suas propriedades. Mostrou-se nervoso durante a entrevista e perguntou que decisões seriam de esperar do Maputo.

#### Família de um construtor

Agregado familiar: Marido de 26 anos de idade, 2 mulheres, tia de 60 anos e 3 crianças com menos de 10 anos.

A família de Edmundo cultivava 3 machambas, duas recebidas de um tio que pagava anteriormente um tributo anual ao latifundiário e a terceira que fora dantes trabalhada pela velha tia (o pai tinha sido capataz de algodão, mas morreu quando Edmundo era ainda criança). Começaram a trabalhar a terra quando Edmundo regressou da Beira onde trabalhou 4 anos como construtor, tendo então regressado a casa para se dedicar a esta profissão.

Esta é a sua principal fonte de rendimento e durante os primeiros 7 meses de 1977 fez com o seu negócio cerca de 25 contos, embora o custo do material deva ser deduzido deste montante. As ferramentas que utiliza incluem uma colher de pedreiro (colherim), um fio de prumo e um rolo de cordel, que comprou quando trabalhava na Beira. A produção agrícola familiar é insignificante; poucos sacos de mandioca e amendoim, alguns cocos e produtos de laranjeiras.

Durante o ano vendeu 4 porcos no valor de 1.400\$00. Utilizando o dinheiro do seu trabalho de construção, Edmundo comprou 5 sacos de farinha de milho, 3 latas de arroz e 2 sacos de amendoim. Viajou até Vilanculos especialmente para fazer estas compras visto os preços serem ali mais baixos, ainda que o custo do seu transporte e dos seus sacos tenha absorvido grande parte da economia feita. A família vive em várias palhotas cobertas a colmo, mas estão em construção duas casas de alvenaria. Dentro de casa havia apenas uma mesa e bancos. Edmundo nunca trabalhou nas minas mas firmaria agora um contrato se tivesse essa possibilidade. A terra não tem produzido suficiente para comer, e o negócio de construção de casas está em vias de extinção, uma vez que a ida para as minas cabe apenas a alguns.

Agregado de um artesão

Agregado familiar: esposa e 5 crianças

Eugénio é pedreiro e nunca trabalhou nas minas. Para aprender esta arte foi para Inhambane, tendo pago 3.000\$00 da aprendizagem. Praticou durante 7 anos, sem ter recebido qualquer salário e tendo de pagar rendas e alimentação com as pequenas quantias que o pai lhe enviava. Depois de ter estado 3 anos em Vilanculos, regressou ao seu local de nascimento, o Chokwe, para se casar. Trabalhou um ano a receber 40\$00 por dia, decidindo então estabelecer-se por conta própria. Encontra-se em Buvane há 9 anos.

Actualmente trabalha com mais 4 homens como construtor, cobrando 2.500\$00 por cada casa que faz. Presentemente é difícil encontrar trabalho e nos últimos 4 meses tem estado doente e incapaz de trabalhar. Eugénio tem 3 machambas nas quais trabalham ele, sua mulher e os filhos depois de regressarem da escola. A terceira machamba dista 3 kms. da casa - Eugénio e a esposa levantam-se antes do amanhecer para irem para a machamba. Ele trabalha durante algumas horas, dirigindo-se depois para Morrumbene, onde usualmente trabalha. Não têm terra de machongo e por isso dizem que a terra que possuem não chega para as suas necessidades. A falta de chuvas e os ataques dos insectos diminui a produção este ano. Têm 140 cajueiros e 124 coqueiros, assim como algumas árvores de frutos, papaleiras, bananeiras, citrinos, pessegueiros, etc.

Cultiva amendoim, batata-doce, milho e mandioca, mas este ano não houve excedentes destas produções tendo sido todas consumidas pela família. Tem 4 bois e 1 vaca, um porco e patos, de que vendeu alguns este ano. Tem uma charrua e um moinho mas não os aluga.

O trabalho de Eugénio como pedreiro dá-lhe cerca de 18 contos por ano e este dinheiro é utilizado para completar a alimentação bem como adquirir sabão, petróleo e açúcar, etc. Devido à doença pediu emprestados 4 contos a fim de comprar géneros necessários para a sobrevivência da família. Terá de restituir pelo menos 2 contos até Dezembro, e está preocupado porque não sabe se terá o dinheiro. Tem uma casa de alvenaria inacabada, duas palhotas cobertas a colmo e uma cozinha. Presentemente Eugénio e a família atravessam um período muito difícil, quer devido à doença dele quer as más colheitas.

B. Agregado familiares de camponeses pobresUma jovem família pobre

Agregado familiar: chefe de família, mulher e uma criança de 2 anos.

Armando viveu até há 2 anos com seus pais, altura em o seu pai lhe deu um pedaço de terra, tendo recebido outro de machongo do G.D. durante a distribuição de terras de 1977. Não possui quaisquer meios de produção, a não ser uma enxada e uma catana mas pediu emprestado ao pai uma charrua para as suas terras. As suas terras e árvores (15 coqueiros e 30 cajueiros) não começaram ainda a produzir. Cultivaram pequenas quantidades de milho, amendoim e mandioca, mas no que respeita ao amendoim há que ter o cuidado de deixar semente para o próximo ano. Das 7 papaeiras, 6 estão a produzir. A família tem 2 galinhas e 1 porco que compraram ainda pequeno por 300\$00 e que é alimentado a papaias, à falta de melhor. Quando teve lugar a entrevista a mulher estava a descascar arroz à mão.

A alimentação desta família consiste em mandioca, farinha de milho e folhas de abóbora, colhidos nas machambas dos vizinhos visto que já terem esgotado as suas.

Quando não há mandioca alimentam-se das folhas da planta. Comem uma refeição por dia, à noite. Nunca têm carne nem peixe. A mãe da mulher ofereceu há meses 2 latas de milho, mas também não dispõem do suficiente para sustentar os filhos. A família vive numa palhota e tem outra palhota mais pequena para cozinhar, mas não têm nenhum celeiro; de qualquer modo raramente há comida para armazenar. É uma família pobre e faminta. Não há dinheiro para comprar petróleo para o candeeiro, pelo que se deitam sem luz.

Armando teve 4 contratos nas minas, entre 1965 e 1976 e deseja desesperadamente regressar às minas ou encontrar trabalho que alivie a sua pobreza. No primeiro contrato engajou-se como trabalhador na mina Rand Leases com 17\$50 por dia. Os dois contratos seguintes, foram na Durban Deep como 'pipe-boy' e depois como 'store-boy' recebendo 22\$00 por dia. O último contrato foi em Venterspost em 1975/76. Como 'pickanin boss-boy' recebia p/d R 1.03 e mais tarde R.1.52. Depois deste último contrato a empresa mineira recusou-se a dar ao seu grupo cartões de 'bónus' porque constava que o Governo moçambicano iria recusar autorização para a ida de mais mineiros. Durante o último ano Armando tentou obter emprego nas machambas de outras pessoas, mas conseguiu apenas receber 50\$00 por 2 dias de trabalho. Pediu emprestados 500\$00 para comprar sabão, petróleo e sal.

Família pobre de um ex-mineiro doente

Agregado familiar: esposa e 3 crianças pequenas.

Agusto tem 30 anos e está agora incapacitado por doença. O primeiro contrato nas minas foi em 1968. Trabalhou depois nos caminhos de ferro em trabalho compelido e economizou 2.500\$00. Não conseguiu acabar o seu segundo contrato nas minas devido à doença e recebeu apenas 150\$00

de indemnização da administração de Morrumbene. Pensa que o resto do dinheiro tenha sido roubado 'em trânsito'. Em 1976 empregou-se como ajudante de motorista da cantina local. Economizou algum dinheiro que utilizou na compra de cimento. Está a construir uma casa de tijolos, mas uma vez que se encontra desempregado está novamente sem dinheiro. Esta família tem 3 machambas, incluindo um hectare de machongo. Cultivavam normalmente milho, mandioca e amendoim. Neste mau ano agrícola sómente os dois últimos produziram alguma coisa, mas não há excedente para vender.

Agusto tem também 47 cajueiros e 17 coqueiros assim como alguns citrinos, bananeiras e mangueiras. As árvores são demasiado pequenas para produzir, de modo que a família não conseguiu vender absolutamente nada este ano. O gado que possuíam morreu todo. Pagavam 350\$00 pelo aluguer de bois durante uma semana.

Esta família depende da ajuda dos parentes para comprar petróleo açúcar, sabão, sal, etc. Nas maus meses a família passa fome.

#### Um casal idoso e pobre/mineiro aposentado

Finiosse herdou do pai a terra que agora trabalha. Há 5 anos adquiriu um pequeno pedaço de terra de machongo. Quando era rapaz trabalhou como pastor do pai e mais tarde empregou-se no latifúndio do Rocha, recebendo 25\$00 por mês e fazendo todo o serviço.

Em 1948, teve o seu primeiro contrato nas minas, e depois do segundo contrato foi forçado a trabalhar em Vila Pery no departamento florestal da Administração. Trabalho obrigatório significava todos os homens entre os 15 e 65 anos serem arrebanhados à noite e levados para trabalhar em diferentes áreas. Dos mil escudos que ganhou no período de 11 meses, 1/3 foi gasto em impostos. Ao regressar a casa foi forçado a trabalhar 3 dias por semana no latifúndio do Rocha, esta vez recebendo 50\$00 por 30 dias de trabalho. Pelo mesmo período as mulheres recebiam 50 cm. de tecido. 3 meses depois Finiosse ainda não fora pago dos seus salários pelo que fugiu para a África do Sul para ganhar o necessário para os impostos em atraso. Completou mais 7 contratos até 1964, quando fez 52 anos e deixou de trabalhar nas minas.

Novas leis surgidas nesta altura obrigavam a um controle rígido no cultivo de certos produtos. Isto fez com que o Rocha passasse a empregar menos pessoal, afim de produzir menos mas de melhor qualidade. Finiosse pode então permanecer nas áreas sem ter de trabalhar para o Rocha.

A terra que possui é suficiente para as necessidades dele e da mulher nos bons anos agrícolas. Tem entre 200 e 300 cajueiros; os excedentes produzidos (3 sacos na última colheita) são vendidos para adquirir outros géneros alimentares. Também vende bananas, tendo ganho um total de 600\$00 na última colheita. Tem alguns coqueiros e citrinos e cultiva milho, amendoim e arroz. Não tem gado, à excepção de um porco, e nenhuns instrumentos ou máquinas além de uma faca e um machado. No ano passado pagou 100\$00 para ter a sua terra lavrada. 14 anos de trabalho nas minas não garantiram segurança na velhice a este casal, pois nem árvores, nem terra lhes asseguram rendimento suficiente.

Velho ex-mineiro, só

Notico tem 80 anos e uma longa história de trabalho nas minas e de trabalho forçado. Teve 9 contratos nas minas, num total de 16 anos. Compriu também 9 períodos de trabalho obrigatório nos arredores da Maxixe entre 3 a 6 meses de cada vez. O pagamento era mínimo (60\$00). Notico vive numa só palhota. O dinheiro que ganhou na África do Sul usou no pagamento de impostos, lobolando 3 mulheres e ainda comprando produtos de primeira necessidade. Não adquiriu nenhuns bens materiais (à excepção de uma enxada) e costumava ganhar qualquer coisa como carpinteiro perto de casa. Este ano colheu 2 sacos de mandioca e 2 de amendoim, o que é suficiente para subsistir. Vendeu um saco de amendoim por 360\$00 e outro de mandioca por 240\$00, tendo sido este o seu único rendimento. Em anos bons, espera vender castanhas e maiores quantidades de amendoim e mandioca.

Este ano os seus cajueiros foram atacados de doença e colheu apenas 1 saco de castanhas. Tem também 2 coqueiros de doença e colheu apenas são usadas na compra de géneros alimentícios suplementares. As receitas das colheitas Notico não consegue sobreviver e não tem economias a que possa recorrer. Tem 2 filhos que nunca o ajudam no que quer que seja mas estão sempre dispostos a ajudá-lo a consumir o seus produtos nos anos bons. O G.O. foi contactado para ver se os filhos poderiam de algum modo ajudar o pai.

Uma viúva de mineiro

Mulher e três crianças

Saulina foi casada com um mineiro que morreu na África do Sul em 1974. Recebeu 10.000\$00 de indemnização, que já foram totalmente gastos. A família tem 2 machambas adquiridas há 4 anos. Tem 13 cajueiros, 13 coqueiros, 11 papaieiras e 3 tangerineiras. As outras árvores ainda não produzem. A colheita deste ano forneceu apenas o suficiente para consumo da casa e para semente. Tem apenas 3 galinhas e uma enxada. Vivem em 2 palhotas em condições extremamente más. Quando o marido era vivo conseguiam manter-se com o salário das minas e os rendimentos da machamba conjuntamente. Agora tem de depender de parentes, especialmente do cunhado, para a ajudar. Desde que o marido morreu a produção da machamba tem diminuído.

Duas mulheres sós

Salemina tem 43 anos e vive com a mãe idosa numa só palhota. Os maridos destas duas mulheres trabalharam na África do Sul; são ambas divorciadas. O pai de Salemina morreu há 2 anos. A mãe tem estado doente ultimamente o que impediu a filha de ir trabalhar numa grande propriedade na Maxixe. No ano passado Salemina recebeu 300\$00 e casa e comia por um mês de trabalho; trabalhou ao todo 5 meses. Ela não queria fazer um trabalho tão mal pago mas foi a única maneira de obter dinheiro suficiente para sobreviver. A grande propriedade pertence a um Moçambicano que adividiu em talhões para serem cultivados por trabalhadores individuais.

Da colheita deste ano as duas mulheres venderam apenas uma lata de castanhas por 45\$00. Num ano normal esperariam dos seus 20 cajueiros uma produção 5 vezes maior. Esperariam também produzir, num ano bom, 2 sacos de milho e outrotanto de amendoim. Este ano mal obtiveram o suficiente para as sua subsistência. As 2 pequenas machambas foram-lhes dadas há 4 anos por vizinhos e a maior parte do terreno é utilizado em mandioca para a alimentação.

Não têm gado e apenas uma enxada para trabalhar a terra. No ano passado, em Dezembro, receberam 1.500\$00 pelo trabalho de Salemina mas foi todo gasto no pagamento de dívidas. Qualquer dinheiro que tenham é para comprar comida, roupas e cobertores.

Costumavam fazer cestos, mas agora falta-lhes material. São extremamente pobres, com poucas probabilidades de que a situação mude. Salemina não pode trabalhar enquanto a mãe estiver doente, o que significa que há agora menos comida do que nunca, e não há dinheiro para medicamentos.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES E COMENTÁRIOS